

Tempo do espaço, tempo da vida:

uma leitura
socioespacial
de Heitorai

DENIS CASTILHO

Editora
Ellos

Tempo do espaço, tempo da vida:

uma leitura.
socioespacial
de Heitorai

Apoio

Prefeitura Municipal de Heitorai

Câmara Municipal de Heitorai

Denis Castilho

Tempo do espaço, tempo da vida:

uma leitura.
socioespacial
de Heitorai

Goiânia - GO

Editora Ellos

2007

CIP. Brasil . Catalogação - na - Fonte
BIBLIOTECA “PROFESSOR JORGE FÉLIX DE SOUZA” – CENTRO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE GOIÁS.

C352t

Castilho, Denis.

Tempo do espaço, tempo da vida: uma leitura socioespacial de
Heitorai / Denis Castilho. – Goiânia: Editora e Gráfica Ellos, 2007.
91 p.

ISBN 978-85-60798-00-1

1. Heitorai (Goiás) - geografia 2. Heitorai (Goiás) - formação
socioespacial 3. Heitorai (Goiás) - história I. Título.

CDD 981. 73

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andréa Pereira dos Santos CRB-1/1873

Gráfica Ellos - Objetiva Grafica e Editora Ltda.
Rua 6 nº 312/316, Vila Santa Isabel, CEP. 74.633-400, Goiânia, GO
Tel.: (62) 3261-9900
e-mail: comercial@graficaellos.com.br / www.graficaellos.com.br

Equipe de produção:
Gráfica Ellos

Diagramação:
Charles Guimarães de Souza

Capa e projeto gráfico:
Ellessandro Cirilo (Gomes)

DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

*Para meus pais, Dédino e Dilma,
Moradores de Heitorai
e do meu coração.*

“Eu quisera ver-te Heitorái, no passado ainda, cheia de progresso e de ilusões, para contemplar tuas paisagens, vê tuas serras, rios e teus cafezais, pular na rua com ameninada, brincar de roda e de cirandinha, depois subir a ladeira do rio Uru, rezar uma Ave Maria e nada mais...”.

*Enilson Alves de Souza
Artista Plástico - Heitorái, Março/2007*

AGRADECIMENTOS

Um livro não é trabalho individual. Por meio de orientações, reflexões, revisões e discussões, muitas pessoas contribuíram para a concretização deste trabalho. Registro os meus agradecimentos à Prefeitura e Câmara municipais de Heitorai, pelo apoio financeiro; ao Gomes, pelo projeto de Capa e aos professores Lúcia Matias e Ismael Gonçalves, que não mediram esforços para esta publicação. Pelo trabalho que realizam, esses dois nomes se juntam aos demais professores de Heitorai, os quais merecem minha gratidão.

Este livro é fruto de trabalho monográfico desenvolvido no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás. Agradeço ao meu orientador prof. Eguimar Felício Chaveiro, à profª e tutora Lana de Souza Cavalcanti e aos profs. João de Deus e Maria Geralda de Almeida pelas orientações e contribuições. Para a realização das pesquisas e estudos foram imprescindíveis os trabalhos realizados junto ao Programa de Educação Tutorial, ao Laboratório de Geografia Humana, ao NUPEAT, ao Núcleo de Turismo e Cultura e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Formação Territorial de Goiás. Também agradeço os professores e amigos do IESA/UFG, da UEG, da AGB e de Heitorai.

Agradeço por fim, de um modo especial, à minha família.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Prefácio.....	13
Introdução.....	15
Considerações teóricas.....	19
O Espaço Urbano.....	19
Paisagem de Heitorai: entre o rural e o urbano.....	23
Paisagem: primeiro passo do estudo.....	23
Paisagem de Heitorai: uma cidade pequena.....	25
O processo de formação de Heitorai no contexto territorial goiano.....	34
A modernização do território goiano e a dispersão de cidades.....	34
O processo de formação de Heitorai.....	38
O que faz de Heitorai uma cidade?.....	46
Uma leitura socioespacial de Heitorai.....	50
Uma leitura físico-territorial.....	50
Zoneamento morfológico-funcional de Heitorai.....	59
Elementos territoriais de Heitorai.....	63
A posição de Heitorai.....	65
A função de Heitorai.....	67
Heitorai: uma cidade local.....	73
Heitorai na lógica contemporânea.....	74
Dinâmicas territoriais no campo e cidade.....	76
O trabalho e a dinâmica demográfica.....	79
Considerações finais: algumas particularidades do espaço e do sujeito heitoraiense.....	83
Referências Bibliográficas.....	87
O autor.....	91

APRESENTAÇÃO

O desafio de escrever a apresentação deste livro me pôs diante de um dilema: escreveria tão-somente sobre a obra (texto) ou procuraria me enveredar sem limites na seara pessoal para enaltecer as qualidades e os esforços desse jovem “geógrafo-educador”? Nem um nem outro. Ambos estão imbricados, cercados de referências do lugar vivido e do saber geográfico nas interrelações do conhecimento – do empírico ao teórico – e, portanto, científico.

Denis Castilho faz a interlocução entre o vivido em Heitorai-GO e o científico do conhecimento geográfico. Nessa interlocução, perpassa sua pesquisa por paisagens urbanas e rurais do mesmo município na busca do hibridismo (rural-urbano) e na procura da compreensão geográfica das pequenas cidades do Estado de Goiás.

O autor (re)significa o seu olhar e potencializa o seu pensar espacial em relação ao processo de modernização do território goiano. Ele compreende que Heitorai foi constituído enquanto município de espaço urbano e rural no berço das políticas e das transformações socioespaciais da modernidade/tradicionalidade do povo desta terra.

No presente livro, o autor envereda pela leitura geográfica urbana e, em especial, sobre as cidades pequenas e locais. E, dessa forma, insere nos parâmetros metodológicos e no caminho da compreensão, inclusive, do significado “subjetivo” dos companheiros heitoraienses a afirmação: Heitorai é uma cidade local inserida em uma rede de cidades da região, do estado, do país e até mesmo do mundo. Afinal, é só pensarmos nos filhos desse município que migraram em busca de uma outra vida, mas que permanece os vínculos históricos

das relações socioespaciais com o lugar vivido em sua maioria.

A obra de Denis, “*Tempo do espaço, tempo da vida: uma leitura socioespacial de Heitorai*”, tem também o mérito de nos fazer uma convocação para análise do lugar vivido objetivamente (socioeconômico) e subjetivamente (socioafetivo) mesmo, no imaginário daqueles que já conectaram com outros espaços vividos por necessidades e vontades.

O livro se destina a todos os filhos de Heitorai e aos estudiosos da Geografia que desejam contextualizar a vida entre o local e o global. E, também aos professores, sobretudo deste município para que possam ilustrar o vivido, resgatar a identidade e demonstrar que “quando a terra é fértil e bem cultivada, pode gerar bons frutos”. Em síntese, o livro está bem estruturado em três capítulos/momentos, numa linguagem acessível. E, com um livre fluir, apaixonado e compromissado com o lugar vivido e com o conhecimento geográfico. Com isso ganha a comunidade de Heitorai e a Geografia goiana um autor, já hoje em passos fortes para ser uma referência estadual no estudo geográfico de cidades pequenas.

Prof. Ms. Valney Dias Rigonato
Prof. de Geografia da UCG e filho de Heitorai

PREFÁCIO

João Heitor de Paula, pai do fundador de Heitorai pode estar, diante da transitoriedade dos espaços e dos territórios contemporâneos, imortalizado. Quem, cavalcando entre as cristas alongadas da Serra Dourada e as margens do rio Uru - canal fluvial que abasteceu a sede de mundo de Saint-Hilaire, poderia saber que naquele lugar iria nascer, como de costume, no envolto de uma capela cristã, a realidade socioespacial que Denis Castilho, olhando o cruzamento de velhos e novos tempos, de velhos e novos modos de vida, observa, problematiza, interpreta, deslumbra-se: Heitorai?

Além dos Guedes, Crisóstomos, Heitores, Campos, Limas, Borges, Mouras e Batistas, Denis Castilho fala do lugar aprendendo o seu próprio fundamento: dali ele nasceu para o mundo; ali o mundo lhe chegou recentemente, dada a sua pouca idade, interpelando a sua cabeça, fustigando a sua sensibilidade, reorganizando seus pertencimentos, desafiando a sua responsabilidade política como se, agora geógrafo, tivesse que retornar ao lar de que nunca saiu – e nem sairá, pois Heitorai é uma parte de si, do que foi e do que passou, do que será e do que nunca passará.

O espaço em que Denis brincava de bola, no cerne de uma vida interiorana, está em si e no além-mundo. O seu irmão, Padrinho, é morador de Goiânia; as suas duas irmãs são migrantes internacionais que, pelo tempo rápido da internet, traça um diálogo fraterno além do Atlântico.

Denim conserva a amizade com vários amigos de infância.

Devota ao pai e a mãe uma amorosidade que lhe sustenta a vida na metrópole; convida os amigos de Goiânia a acamparem nas margens do Uru, lembra Cajaré tomando suco de pinga, respeita os mais idosos e descobre que uma cidade local, como Heitorai, é um mundo onde a vida pulsa, as contradições sociais se sedimentam e clamam por compreensões e mudanças.

Eguimar Felício Chaveiro
Prof. Dr. do IESA/UFG

INTRODUÇÃO

Como compreender o município de Heitorai pela via do estudo socioespacial? O que fundamenta a paisagem simples desse município e como ocorreu a sua formação no contexto territorial goiano? Afinal de contas, se o nosso interesse é compreender a dinâmica socioespacial de Heitorai, que relação existe entre cidade e campo, entre o município e região?

Responder a essas questões não é tarefa fácil. Ainda assim, um estudo cuidadoso, sem a intenção de esgotar o assunto e atento aos valores humanos e ao sentido da vida, pode nos ajudar a compreender melhor essa realidade. Estudar Heitorai, portanto, nos possibilita entender o seu espaço enquanto dimensão social - como parte da vida de quem o habita, constrói e transforma. É por isso que usamos, no título deste livro, o termo “socioespacial”, pois ele nos mostra que a essência do espaço é social.

Pensar Heitorai ou trazer sua realidade para o campo de nossa reflexão, nos coloca diante de outras questões. Por exemplo, elementos como tamanho, localização, costumes e também o cotidiano, geralmente fazem com que Heitorai seja comumente relacionada a uma típica cidade “interiorana”, associada à vida calma, à tranquilidade e ao tempo lento. Essas representações, muito difundidas pelo senso comum, podem acabar assumindo um sentido pejorativo, o que dificulta a compreensão de novos contextos e de antigos sentidos que são constantemente transformados. A síntese é: somente pela forma ou pela aparência, não conseguimos perceber claramente o que se passa nesse lugar.

Estes elementos (tempo lento, pouco movimento, vida interiorana) realmente existem em Heitorai. Contudo, elementos de uma nova conjuntura (das instituições financiadoras, da internet, do celular, do automóvel, da produção para mercados consumidores dinâmicos) imbricam àqueles da "tradição". Por isso, há que entendermos que, mesmo não sendo explícito como nas regiões metropolitanas, novas dinâmicas também ocorrem em Heitorai.

Como nos ensina Santos (1996), relativo às transformações do espaço sob uma lógica cada vez mais veloz, da mesma maneira há que compreendermos Goiás no contexto das mudanças rápidas, e não simplesmente pela via do tempo lento; compreender sua inserção nas redes e, concomitante, no novo cenário geopolítico mundial.

Pensar a cidade, conforme assinala Barreira (2002), nos coloca diante de sua relação com a região. Isso contribui com o entendimento, por exemplo, dos locais que dinamizam as regiões, numa múltipla relação de fenômenos em que lógicas distantes também influenciam os lugares. Do mesmo modo, Heitorai não é mais aquela localidade "distante" ou praticamente isolada. Ela está inserida em um tempo das transformações rápidas. Então, por mais que sua paisagem mostra um ritmo aparentemente lento, não significa que ela esteja fora de uma lógica que permeia o estado de Goiás. Pelo contrário, a sua realidade tem relação direta com as novas dinâmicas cada vez mais presente no território goiano. Diferencia-se, sim, pelo modo como os elementos do capitalismo globalizado se cruzam com os elementos da tradição. Portanto, mesmo que alguns elementos do modo de vida tido como tradicional estejam presentes em Heitorai, não é possível entender este município se menosprezarmos a sua ligação com os fenômenos da globalização.

A partir desses pressupostos, uma questão central norteará o nosso raciocínio: como a dinâmica socioespacial de Heitorai se constitui a partir de sua inserção no processo de modernização do território goiano? Além disso, no contexto contemporâneo, o que fundamenta a dinâmica socioespacial deste município e quais fatores nos permite explicá-la?

Propomos debater essas questões a partir da compreensão do processo de modernização do território goiano, da análise da paisagem e da interpretação da dinâmica socioespacial do município. Considerando a necessidade de analisar as relações entre a cidade e o município, bem como entre este e a região, ora mencionaremos a cidade de Heitorai, ora o município.

Diante da necessidade de se compreender o território goiano em sua diversidade, este trabalho sobre o município de Heitorai soma-se a outros estudos no sentido de compreendermos melhor a realidade de cidades pequenas goianas, que se enumeram numa forte abrangência territorial.

Na classificação de Arrais (2004), por exemplo, dos 246 municípios goianos, 158 são pequenos. Ou seja, o território goiano, além de ser constituído por Goiânia, por algumas cidades com forte influência regional, pelo entorno de Brasília etc, também possui uma grande quantidade de cidades pequenas. Por isso, ter uma compreensão mais ampla do território goiano, nos remete a estudar, também, a dinâmica dessas cidades.

A leitura de Heitorai está estruturada em três momentos. No primeiro, apresentamos uma breve discussão teórica sobre o conceito de espaço urbano e analisamos, com auxílio de imagens, Heitorai a partir do conceito de paisagem. Daí a denominação “paisagem de Heitorai: entre o rural e o urbano”.

O processo de modernização do território goiano e a formação de Heitorai estão no segundo momento. Compreender o município no contexto do processo de modernização de Goiás é fundamental, pois nos permite ir além da paisagem e apreender as relações que se estabelecem no âmbito territorial. Mas, afinal, que fenômeno urbano se desenhou nessa cidade? Para responder a essa questão, desenvolvemos uma reflexão sobre as relações sociais, os modos de vida, as atividades e as funções exercidas pela cidade na rede urban etc. Esse último tópico do segundo momento de nossa leitura, portanto, abre o terceiro capítulo, intitulado “Heitorai: uma leitura socioespacial”.

É o momento em que transcendemos a análise da paisagem e adentramos a abordagem territorial, com foco na análise dos aspectos físico-territoriais e dos elementos da dinâmica socioespacial de Heitorai, tais como: posição, função, serviços e polarização - elementos necessários para caracterizá-la como uma cidade local. Ou seja, se na análise da paisagem, Heitorai se apresenta como cidade pequena, na perspectiva de sua dinâmica socioespacial, revela-se como uma cidade local.

Discutimos também, no terceiro momento, a conformação socioespacial de Heitorai na lógica territorial contemporânea, a dinâmica territorial do campo e da cidade, as funções do Estado, o trabalho e a dinâmica demográfica. Analisamos, ainda, a estrutura de poder em Heitorai, que ainda mantém forte vínculo com o campo, e tecemos considerações sobre a incorporação da cultura de massa e de algumas particularidades do espaço e dos sujeitos heitoraienses.

Por último, na proposta de continuação do debate e de abertura para novas leituras, estão as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O Espaço Urbano

O espaço é um guardião de tempos, por isso é histórico. Uma formação socioespacial, como Heitorai, resulta de processos, construções, reconstruções, dinamização e significação produzidos por diferentes sociedades ao longo de distintos períodos históricos. Por isso, podemos afirmar que o espaço é o ponto de encontro de temporalidades diferenciadas - a soma do que já aconteceu (a história concretizada), mas também daquilo que está em curso e se realiza no presente.

De acordo com alguns estudiosos, como Santos (1996), a essência do espaço é social. Nesse sentido, a sua compreensão passa pela análise das relações sociais que o produzem, o que fundamenta a denominação *socioespacial*.

O local onde moramos, estudamos e trabalhamos e, da mesma maneira, o próprio ato de morar, estudar e trabalhar só são possíveis e se concretizam por meio do espaço. Ou seja, o espaço é uma expressão da própria sociedade. É resultado do trabalho, das disputas, das formas como nos organizamos e das relações sociais de produção.

Portanto, nossa investigação sobre Heitorai passa por essa dimensão fundamental da realidade: o espaço. No entanto, o que dizer do espaço urbano? Como podemos lê-lo? O fato é que todo espaço urbano é estruturado e apresenta uma determinada organização. Isso significa que ele resulta de processos e carrega uma história, como assinala Castells (1983). Harvey (1989), por sua vez, também chama a atenção para o fato de que a cidade torna-se a grande forma moderna.

Estes estudiosos nos mostram que tudo que ocorre no mundo atual gira em torno da cidade. Por exemplo, por mais que a economia de um município seja constituída por atividades do campo, é na cidade

que ela se dinamiza, que ocorrem as negociações, os financiamentos, as inovações etc, e onde se encontra a grande parcela do mercado consumidor.

A cidade é a forma moderna de se viver da civilização contemporânea (Romano, 2006). É o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, o que levou mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo. Lefebvre (1999), mais preocupado com as questões relativas ao modo de vida e ao cotidiano construídos e transformados pela revolução urbana, mostra que a sociedade urbana constitui-se num modo de vida que tende a generalizar-se pelo mundo. E a maneira como as diversas atividades se entrelaçam no espaço urbano, expressam e dão origem às diferenças no modo de vida de seus habitantes.

As diferenças sociais, e também as desigualdades, se manifestam nas configurações do espaço urbano. Por isso, uma cidade apresenta diferentes paisagens, tais como o centro comercial, os bairros residenciais, as zonas periféricas etc. Essas diferenças são produtos do trabalho e das relações sociais, que também condicionam a localização de determinados pontos no espaço urbano. Villaça (2001) afirma que a sociedade se associa ao espaço intra-urbano como um todo, uma vez que as relações de um determinado ponto do território urbano dizem respeito, direta ou indiretamente, aos demais. A idéia, aqui, é de conjunto, uma vez que os diferentes pontos do espaço urbano estão interligados.

Então, se o espaço urbano mantém sua estrutura de maneira conjunta, resta compreendermos como alcançar a sua essência - aquilo que realmente move a cidade. Corrêa (1997) mostra que o espaço urbano apresenta várias dimensões conforme avançamos em sua leitura. Este autor diz que, no processo de investigação, inicialmente, o espaço urbano apresenta-se como fragmentado; em seguida, como articulado; depois, como reflexo da condição social; num quarto momento, como campo simbólico e condicionante social. Por fim, num quinto momento, como “lócus” da reprodução e da vida de diferentes grupos.

Esse caminho metodológico nos auxiliará na análise do espaço urbano de Heitorai. Vejamos cada momento.

Num primeiro momento do processo de investigação, o espaço urbano caracteriza-se por diferentes usos da terra. A cidade aparece como verdadeiro mosaico de núcleos: zonas comerciais, periféricas e residenciais, zonas com boa infra-estrutura e aquelas com ausência de equipamentos urbanos (asfalto, calçadas, iluminação etc). Esses fragmentos resultam da atuação dos diferentes agentes que modelam a cidade, a exemplo dos proprietários dos meios de produção, comerciantes, industriais, proprietários fundiários e imobiliários, Estado e grupos sociais (Correa, 1997). Essa fragmentação, contudo, não é estática; ela se transforma constantemente em função do processo de produção do espaço, que produz e reproduz paisagens diferenciadas. Assim, há uma dinâmica espacial que se modifica de acordo com as necessidades e contradições do processo produtivo.

Conforme avançamos na leitura de uma cidade, o espaço urbano, num segundo momento, apresenta-se como articulado. Ou seja, à medida que aprofundamos a investigação, percebemos que as diferentes localidades da cidade mantêm-se interligadas. Isso não se apresenta de maneira evidente aos nossos olhos. Os fragmentos e as paisagens diferenciadas são, na realidade, articuladas entre si, revelando uma interdependência entre os lugares. Segundo Corrêa (1997, p. 145), “as partes da cidade mantêm relações com os demais, ainda que sejam de natureza e intensidade variáveis”.

Aqui, o espaço ganha unidade e, geralmente, é na região central da cidade que se concentra o poder de decisão político-econômico sobre os diferentes núcleos do “mosaico urbano”.

Para ficar mais claro, podemos citar a circulação de veículos, mercadorias e pessoas, que evidencia a articulação do espaço. Portanto, a relação entre suas diferentes partes se dá por meio da circulação, das redes, dos processos e das relações sociais.

No terceiro momento, Corrêa (1997) defende que o espaço é também reflexo da sociedade. Porém, substituindo a palavra reflexo,

preferimos dizer que “o espaço é uma dimensão da sociedade”, ou, a “sociedade é uma dimensão do espaço”. Isso porque não há separação entre sociedade e espaço. Por essa razão, o espaço urbano não pode ser simplesmente um reflexo da sociedade, mas uma dimensão constitutiva das relações sociais. Poderíamos dizer assim: é expresso na paisagem urbana “a complexa estrutura social de classes”. Aqui, concordando com Corrêa (1997), o espaço das cidades tende a ser dividido, segregado e desigual (áreas com melhores equipamentos, outras desprovidas de serviços básicos, áreas comerciais, de loteamentos etc). Portanto, a desigualdade social também se manifesta espacialmente. Da mesma maneira que a sociedade produz espaço, o próprio espaço é um condicionante social. Este é o quarto momento da análise: o espaço como campo simbólico.

As obras, as formas, as construções de uma maneira geral, têm um significado e influencia as relações sociais e produtivas da população. Por exemplo, uma praça para o lazer, uma fábrica ou uma via de circulação rápida, além de influenciar o valor do solo, também influencia a sociedade do entorno. O espaço como campo simbólico possui significados que condicionam ações, convivências etc. A organização socioespacial, então, diz respeito à estrutura e à sociedade que, por meio de sua ação, torna o espaço dinâmico. Estamos nos referindo justamente às formas e aos modelos que constituem a estrutura espacial. Se essas formas condicionam, são também orientadas por conteúdos ideológicos e, nesse sentido, condicionam de acordo com as relações sociais de produção.

Produto, mas também condicionante. O espaço, no quinto momento, se apresenta como “lócus” da reprodução e da vida de diferentes grupos sociais. A partir do diálogo com Corrêa (1997), chegamos a conclusão que o espaço urbano é um campo simbólico, cujas dimensões e significados variam conforme as relações sociais que o definem. A sua leitura, portanto, passa pela forma (paisagem) e também por sua formação e pelas relações que se estabelecem em diferentes escalas: no município, na região, no país e no mundo.

PAISAGEM DE HEITORAÍ: ENTRE O RURAL E O URBANO

No capítulo anterior, apresentamos algumas noções sobre o espaço urbano e os caminhos que nos conduzem às diferentes dimensões da cidade conforme o nível da investigação. Estudar o espaço urbano de Heitorai (e também o rural) nos remete, inicialmente, à sua paisagem. Ou seja, àquilo que nossos sentidos nos permitem identificar em um primeiro contato com a realidade. Nessa perspectiva, o que essa cidade nos apresenta no primeiro momento da análise? Veremos a seguir. Antes, porém, abordaremos o conceito de Paisagem.

Paisagem: primeiro passo do estudo

A paisagem é a primeira instância da observação. Conforme assinala Santos (1988, p. 61), ela é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. "Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes (as formas), mas também de cores, movimentos, odores, sons etc".

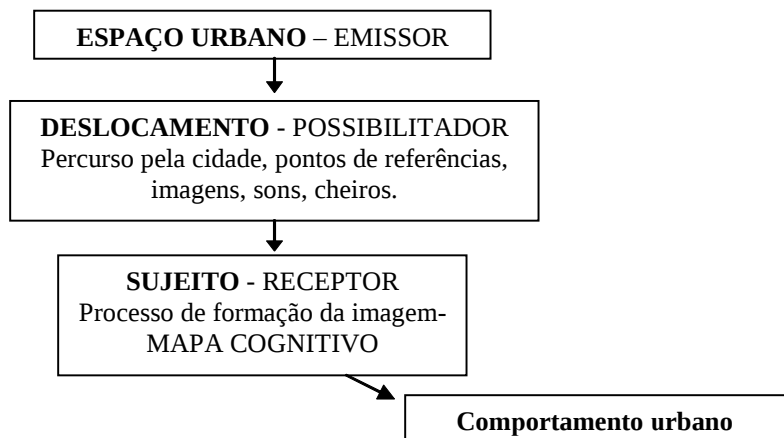
Na sociedade atual, a paisagem também se mostra como uma "mentira espacial" (Santos, 1996). Além disso, ela pode confundir a verdadeira essência do espaço devido a espetacularização que se faz dele (Debord, 1997). Mas ela, a paisagem, por estar no nível aparente, mesmo escondendo algumas tramas sociais, representa um passo importante no estudo de um município.

Para Cavalcanti (2001), paisagem é o conjunto formado pelos objetos e sua disposição, pelos sons e odores, pelas pessoas e seus movimentos. Acrescenta que é por meio da observação atenta e

criteriosa da paisagem que se obtém pistas para a compreensão do espaço.

A paisagem não deve ser compreendida meramente como uma materialidade concreta, mas também como manifestação da dimensão perceptível (do que percebemos) da dinâmica socioespacial. A aparência do real está diretamente vinculada à subjetividade, ao ângulo do olhar, às formas de perceber. Assim, o significado da paisagem está intimamente vinculado à dimensão senso-perceptível de quem observa. É a paisagem que aparece no âmbito da percepção (Tuan, 1983).

Fabregat (2006) discorre sobre o mapa mental ou mapa cognitivo. A formação de imagens e, assim, do mapa cognitivo, ocorre em nossa mente. O mundo real é o emissor de signos, e o homem, o receptor. O espaço é incorporado pelo sujeito por meio dos deslocamentos e dos percursos pela cidade. Então, o mapa construído pelo sujeito orienta seu comportamento e sua relação com o espaço. Essa perspectiva aproxima-se do que Corrêa (1997) discute ao abordar o espaço como condicionante social. Observe o esquema abaixo.



Adaptado por Castilho, 2006.

Dialogando com Cavalcanti (1998), é importante compreender que, na relação com a realidade, o sujeito social constrói representações por meio de diferentes maneiras, a partir de conceitos, valores, convicções, imagens etc.

Como se observa, uma dimensão das representações sociais está nas imagens enquanto formas de percepção. A realidade não nos chega somente por meio de conceitos, mas também de imagens, símbolos etc. É preciso entender que este plano figurativo não se refere especificamente a fotografias, figuras ou imagens em si, mas à realidade representada pelo sujeito.

Rodrigues (1997) afirma que “ler a paisagem é muito mais complexo do que ver e perceber a paisagem”. Portanto, podemos considerá-la como um importante momento da análise geográfica (plano conceitual), como dimensão do espaço (plano real – materialidade concreta) e como dimensão perceptível, ligada à subjetividade (plano abstrato) (Castilho, 2005). Na verdade, o próprio olhar perceptivo da paisagem se confunde com o objeto (a paisagem em si). Por isso, afirmamo-la tanto como momento da investigação quanto como uma dimensão daquilo que se analisa. Nesse sentido, considerando que os “primeiros passos deste estudo” se dão pela paisagem, vejamos como Heitorai se apresenta nesse âmbito.

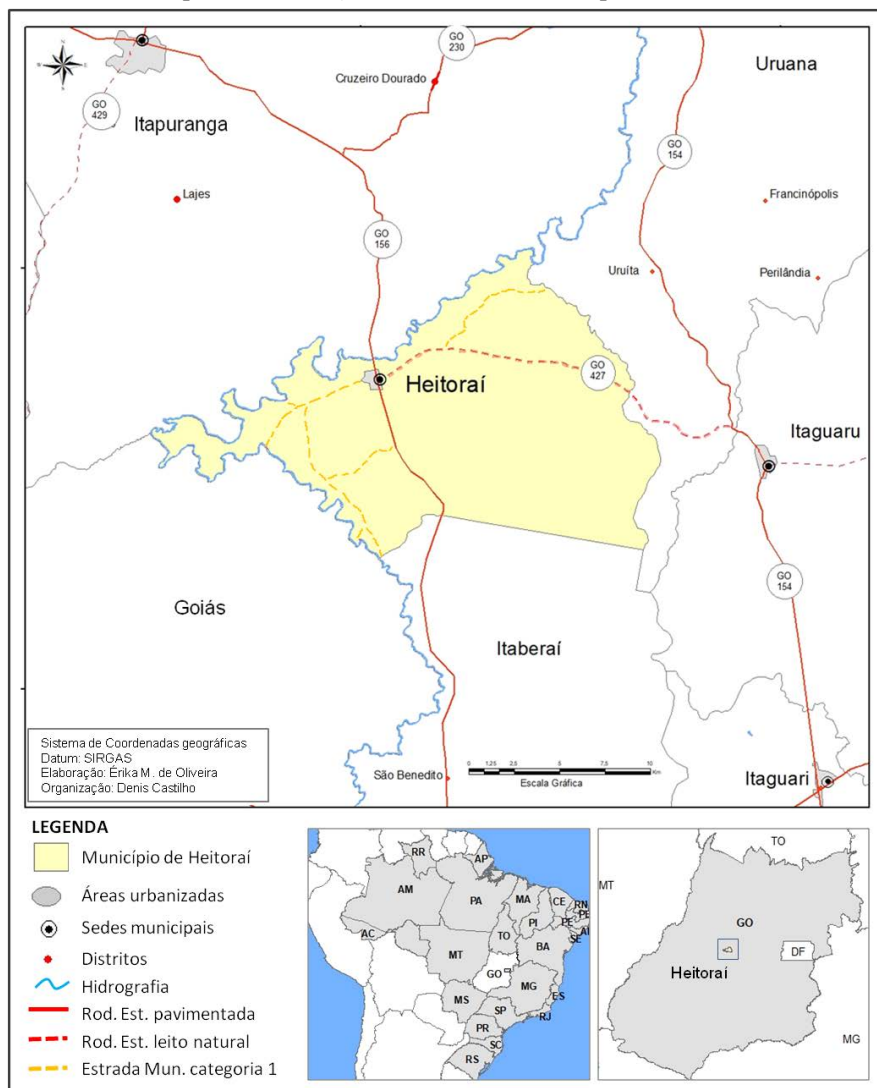
Paisagem de Heitorai: uma cidade pequena

Heitorai pertence à microrregião de Anápolis que integra, por sua vez, a mesorregião Centro Goiano. A sede municipal localiza-se na latitude sul 15°43’08’’ e na longitude oeste 49°49’45’’. Dista 123 km de Goiânia e possui uma área de 229,666 km². De acordo com a Seplan (2005), possui uma população de 3.711 habitantes, com 2.224 residindo na área urbana e 1.487 na área rural. Tem como municípios limítrofes Itapuranga, Uruana, Itaberaí, Cidade de Goiás e Itaguaru (observe no mapa 1).

Andar por Heitorai, observar Heitorai, possibilita-nos uma primeira impressão: Heitorai é uma cidade pequena! Essa afirmação resulta do primeiro impacto da observação da paisagem.

A partir de algumas imagens é possível levantar considerações sobre a paisagem de Heitorai e também alguns questionamentos. Importante observar que a imagem, como representação de paisagens espaciais (Pereira, Santos e Carvalho, 1998) ou como designação

Mapa 1 - Localização de Heitorai e municípios limítrofes



genérica de elementos não textuais (Ferreira, 2001), possui significados e representações a partir das formas de percepção. Isto dito, consideramos as imagens¹ como auxiliares no processo de estudo da paisagem, mas não como plena representação da realidade espacial (Castilho, 2006).

Portanto, o quê as imagens de Heitorai nos possibilitam dizer?

Fonte: Prefeitura municipal de Heitorai (2006).



Figura 1: imagem aérea de Heitorai

É possível elencar vários questionamentos e indicadores a partir da figura 1. A primeira impressão é que a cidade é pequena. Observe que ela não apresenta grandes edificações. Os destaques são das igrejas, dos galpões e do ginásio de esportes.

Outro fator logo vinculado à impressão é o quadriculado das ruas – bem delineadas, quadradas e retangulares. Nota-se que a rodovia margeia a cidade (ou o contrário?). O núcleo urbano está localizado na parte mais alta do interflúvio, por isso na parte inferior da imagem,

¹ Não no sentido da abstração (ou das representações), mas enquanto figuras, fotos etc.

logo após a rodovia, o solo se localiza em menor altitude. Mas, o que isso significa? Aqui, é possível elencar diversos elementos provenientes da paisagem de Heitorai: formas, tamanho, cores, movimento aparente etc.

Desde seu surgimento - de colônias agrícolas ao povoado e deste a município emancipado, Heitorai mantém forte vínculo ao campo. Por isso, apresenta uma paisagem híbrida entre o rural e o urbano. Se as relações de produção e a dinâmica socioespacial urbana estão imbricadas com o rural, isso se expressa na paisagem.

Aqui podemos mencionar o leiteiro, a carroça, o pé de manga e a bananeira em grandes quintais, a tranquilidade, o sossego, o hábito de sentar-se na porta de casa nos finais da tarde etc. Tratam-se de elementos e condições que simbolizam as tradições goianas e que existem no cotidiano de Heitorai.

A figura 2 mostra o pouco movimento. A frota de veículos com placas de Heitorai somam apenas 510 (Seplan, 2006), sendo 210 automóveis, 212 motocicletas e o restante camionetas e caminhões.

Fotografias: Castilho (2006).



Figura 2: A) Av. Central. B) Av. Cel Heitor – Heitorai-GO

As imagens seguintes (figura 3) mostram a praça com a Igreja Católica, pit-dog e estabelecimentos comerciais que oferecem produtos básicos, como açougue, frutaria, padaria etc. Esses elementos são facilmente notados na paisagem de Heitorai.

Fotografias: Castilho (2006).



Figuras 3: Praça Matriz , Pit-Dog – Praça da Rodoviária e Av. Cel Heitor

O que é possível dizer da história que a paisagem de Heitorai guarda? A expressividade da Igreja Católica no ambiente da Praça da Matriz é um indicador da origem da cidade. Antiga Capelinha, construída por fazendeiros devotos, remete à ligação com o campo e à tradição religiosa cristã. Algumas cruzeiras, por exemplo, nas proximidades da cidade indicam essa religiosidade. Ressalta-se aqui o papel das religiões na manutenção dessa tradição. É fácil notar, na paisagem de Heitorai, a presença de igrejas, conforme mostra a figura 4. Na cidade somam-se o total de oito igrejas (Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja de Cristo, Deus é Amor, Presbiteriana, O Brasil Para Cristo e duas igrejas Católicas, estando a principal delas ilustrada na figura).

As casas com alpendres e, além do pé de manga, a erva cidreira, a jabuticabeira, etc. O que dizer da criação de galinhas? Durante a pesquisa, nas entrevistas, perguntava frequentemente o porquê da criação de galinhas nos quintais. As declarações eram muito semelhantes. Alguns criadores justificavam que “as galinhas no quintal é um costume, uma maneira de manter o manejo do quintal e de ter o alimento”. Esse fato revela a permanência de certos costumes do campo. O antigo modo de reprodução da vida rural permanece no sujeito - é o espaço profundo/tradicional que ainda existe, tal como analisa Chaveiro (2005). Mas, é importante destacar que esses traços tradicionais são cada vez mais permeados por elementos da globalização. Podemos citar o celular,

a internet, o automóvel, a ordenha mecânica, as máquinas agrícolas etc. O fato de moradores da “zona rural” comprarem produtos (frutas, verduras provenientes do CEASA-GO) nos mercados da cidade, indicam a proeminência da lógica do mercado. Não há mais, como regra, a tradicional agricultura de subsistência no campo, o que demanda o consumo nos mercados da cidade.

Num percurso por Heitorai é possível perceber esses elementos (tradicionais e modernos) mesclados na paisagem – carros e carroças; quintais grandes com galinhas e casas com muros altos etc. Veja os aspectos de algumas localidades na figura 5 (página 31) e de alguns pontos de lazer na figura 6 (página 32).

Fotografias: Castilho (2006).

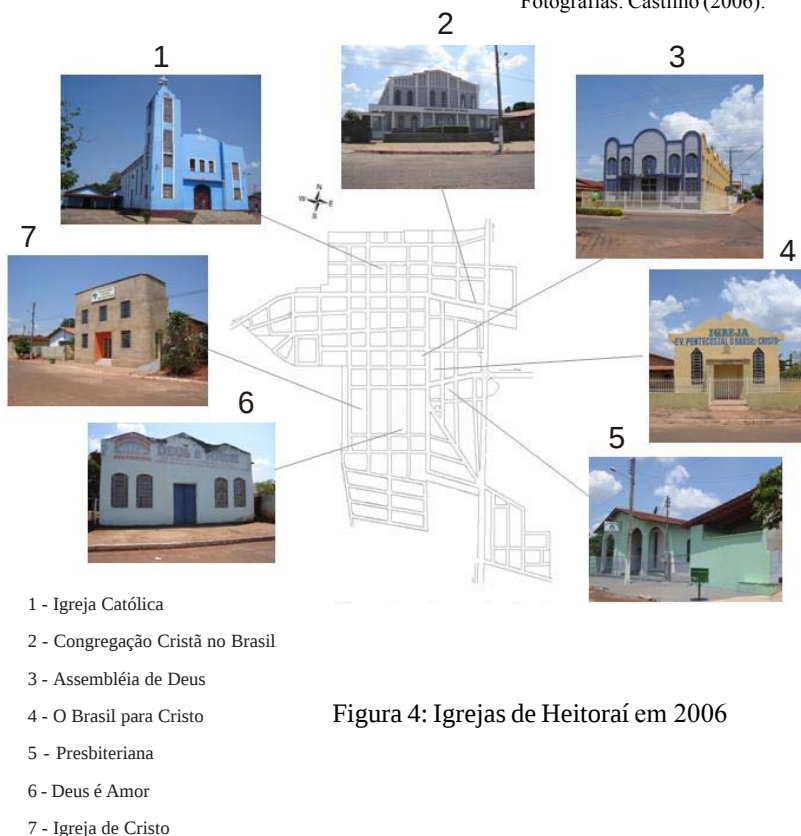


Figura 4: Igrejas de Heitorai em 2006

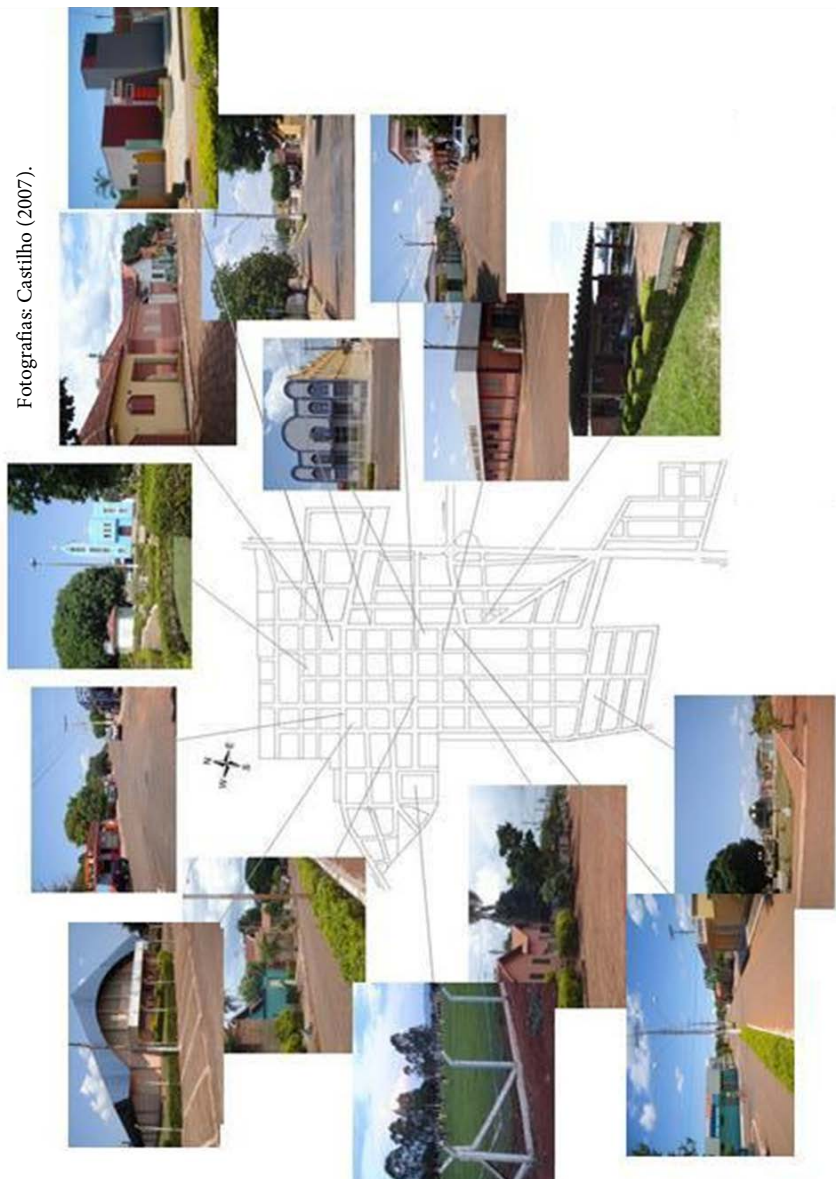


Figura 5: Aspectos da paisagem de Heitoraí (2007)



Figura 6: Aspectos da paisagem de Heitorai – alguns pontos de lazer (2007)

Como apresenta a Figura 6, há uma quantidade considerável de praças na cidade. São quatro ao todo: Praça da Matriz, Praça da Rodoviária, Praça Novo Horizonte e Praça da Vila Délia. O turismo não é uma atividade expressiva no município; contudo, podemos mencionar algumas potencialidades, como o rio Uru, as casas de artistas, a Serra Dourada, o estreito do rio Uru, localizado no extremo oeste do município, além de fazendas, córregos e cachoeiras. A esses elementos somam-se também as festividades locais, como a Festa Junina, o FAHE – Festival de Artes de Heitorai, a Festa do Doce, a Festa do Peão, a Folia de Reis, entre outras.

A constituição do turismo, além de depender de políticas públicas e da ação dos agentes sociais, requer uma infra-estrutura básica, como hotéis, restaurantes, sinalização turística no município (ou rotas turísticas), serviços de apoio ao visitante e, naturalmente, os próprios atrativos turísticos. Mesmo não mantendo suas atividades constantes ao longo de todo o ano, o turismo pode constituir um importante elemento de dinamização da economia municipal. Além disso, quando planejado e conduzido de forma adequada, pode gerar diversos benefícios. Por outro lado, se orientado apenas pela busca do lucro, pode acarretar impactos sociais e ambientais significativos.

Ao longo dessa análise, foram apresentadas algumas localidades do município, principalmente da cidade. Verificaremos mais adiante, no tópico "Leitura socioespacial de Heitorai", que esses aspectos são provenientes das configurações territoriais a cidade. Portanto, para compreender os elementos que fundamentam a paisagem, é necessário analisar o território. Esse primeiro momento da análise foi levantado com o propósito interrogativo, sobretudo para evidenciar que Heitorai é uma cidade marcada por fortes traços tradicionais que, entretanto, passam a ser inseridos em uma nova lógica e articulados a outros elementos decorrentes da modernização do território goiano.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE HEITORAÍ NO CONTEXTO TERRITORIAL GOIANO

A compreensão do processo de formação de Heitorai leva-nos a pensá-la no contexto territorial em que está inserida. Consideraremos, nesse sentido, o processo de modernização do território goiano, o qual foi decisivo para o surgimento e transformação de diversas cidades - incluindo Heitorai. Além disso, também analisaremos o processo de formação de Heitorai e o fenômeno urbano que se desenhou nessa cidade. Vejamos.

A modernização do território goiano e a dispersão de cidades

O processo de modernização ao qual nos referimos é aquele que inseriu Goiás no tempo da globalização. Partimos do pressuposto de que, para compreendermos a atual configuração espacial de Goiás, é preciso, além da leitura socioespacial, realizar uma leitura histórica de sua formação. A industrialização ocorrida em Goiás, mesmo que voltada principalmente às atividades do campo, acabou por influenciar a formação da sociedade moderna.

A economia de Goiás, até meados do século XX, tinha um peso significativo da pecuária extensiva, da agricultura tradicional e camponesa. Houve um crescimento da população urbana verificado especialmente em 1960 (Gomes; Teixeira Neto & Barbosa, 2005). Mas foi na década de 1970 que “a população das cidades começou a superar a população residente no campo” (Arrais, 2004, p.18).

Porém, a mudança na base econômica, os incentivos estatais para a modernização da agricultura, a fim de promover o aproveitamento racional do cerrado, associado aos investimentos estatais em infra-

estrutura, a mecanização da produção etc, proporcionaram grande crescimento econômico nos anos 70 e 80. Isso beneficiou a participação de Goiás na economia nacional e internacional. Deus (2002, p. 177) afirma que a partir desses processos, Goiás “consolidou-se como moderna área de produção agroindustrial, após as alterações promovidas na sua base econômica, a partir dos anos 70, com espetacular modernização da produção agropecuária”. Nesse contexto, a implantação das rodovias foi primordial, pois facilitou o acesso entre as cidades e, conseqüentemente, ampliou as trocas regionais (Barreira, 1997).

O predomínio do urbano sobre o rural no território goiano transformou as antigas relações que historicamente se estabeleciam no campo, provocando impactos sociais e até mesmo psicológicos nas populações dos diversos municípios (Deus, 2002b). Mas, a modernização não ocorreu igualmente pelo território goiano.

Com base em Estevan (2000), é possível elaborar uma síntese da configuração do mosaico social e produtivo de Goiás. Na região Sudeste do estado sobrevivem a pecuária extensiva e a fazenda tradicional. Algumas pequenas agroindústrias têm ocasionado certo movimento em municípios como Pires do Rio. O turismo tem proporcionado algumas divisas em Três Ranchos. Nos municípios de Catalão e Ovidor, a mineração já atingiu sua escala de empregos.

Estevan (2000) também assinala que a recente transferência de indústrias de insumos agrícolas para a localidade, aproveitando o seu potencial mineral e a proximidade ao mercado consumidor, poderão trazer expressivas alterações nas características econômicas, sociais e ambientais do Sudeste do estado.

O Sul goiano apresenta uma forte presença da agroindústria e de sua exploração agropecuária. O turismo em Caldas Novas dá sinais de atingir seu nível máximo de rentabilidade e emprego, com possibilidade de menores investimentos no setor em Itumbiara. O Sul goiano, pelas suas características históricas, tende a ser um apêndice do Triângulo Mineiro e do interior de São Paulo. Com a extensão da agropecuária paulista, há a possibilidade de novos investimento nesse setor na região (Estevan, 2000).

O Sudoeste representa a região do cultivo intensivo no estado. A implantação das unidades da Perdigão e da Gessy Lever vem contribuindo para mudanças qualitativas na estrutura da região. Estevan (2000) também argumenta que, nos limites do território goiano, a região do Mato Grosso de Goiás se tornou a "região problema", pois mais da metade da população do estado está localizada nessa porção do território, que tem enfrentado graves problemas sociais. A chamada modernização do campo empurrou moradores de vários municípios para essa localidade, gerando inchaço urbano e sérios problemas estruturais. Apesar disso, essa região caracteriza-se como maior mercado consumidor do estado, permitindo a sobrevivência de pequenos produtores próximos a Goiânia e Anápolis (Estevan (2000).

O Entorno de Brasília, segundo esse autor, também vivenciou intensivo deslocamento populacional em sua direção, acarretando graves problemas. No entanto, o Entorno oferece condições privilegiadas em termos de localização, pois sua proximidade com a Capital Federal lhe permite fácil acesso a um grande mercado consumidor, podendo viabilizar a pequena produção de bens e consumo imediato, a exemplo de leite, frango, verduras etc.

Na região Noroeste, o turismo aparece como uma grande possibilidade, na medida em que o Rio Araguaia oferece potencial de exploração organizado no setor que está extremamente distante da exaustão econômica. Há, nessa região, um considerável plantel de bovinos. Estevan (2000) assegura que as regiões Norte e Nordeste têm se mantido em sua característica econômica tradicional. Isto é: com forte concentração fundiária, pouca produtividade e carência de elementos infra-estruturais.

As observações de Estevan (2000) demonstram o quanto o território goiano é diferenciado. Cabe acrescentar que, mesmo absorvendo fluxos da globalização, Goiás mantém em sua estrutura elementos da tradição, a exemplo da troca simples, mas isso não impediu que a hegemonia fosse da modernização, pois ocorreu de fato a transformação do território pela globalização ou, nos termos de Chaveiro (2004), a urbanização do sertão.

Nesse sentido, as antigas estruturas agrárias se transformaram e os camponeses sem posses ou arruinados migraram para as cidades com o objetivo de nelas encontrarem trabalho. Isso beneficiou ainda mais o processo de urbanização em Goiás. “As migrações campo-cidade favoreceram um forte processo de urbanização. Esse fenômeno ocorreu em todo o país, porém foi mais intenso no Centro-Oeste, que foi a segunda região mais urbanizada da Federação em 1980, com apenas 32,21 % da população morando na zona rural” (Deus, 2002, p.190).

Mesmo com os altos índices de urbanização, conforme já dito, os traços rurais não foram extintos. Chaveiro (2004), ao discutir a história da urbanização de Goiás, afirma que ela se inicia vinculada a ruralidade sertaneja. E acrescenta que “a lógica de uma economia baseada na agropecuária sedimentou uma tipologia de urbanização em Goiás” (p. 100). Por isso, as cidades goianas possuem dinâmicas territoriais fortemente ligadas ao campo.

Estevan (2000) assinala que a distribuição da população pelo território goiano não é homogênea. Em regiões onde as modernas formas de organização espacial são mais evidentes, como no Sudoeste, Sudeste e Centro do estado, há uma quantidade maior. Isso, logicamente, não nos permite afirmar que a expressão da dinâmica territorial de um município é atribuída somente à quantidade de sua população. O fato de uma cidade do Nordeste goiano, por exemplo, ter pequena população não significa que não seja importante num sistema urbano regional (Castilho e Chaveiro, 2007).

Fato é que, além de influenciar a urbanização, o processo de modernização favorece a dispersão da informação e do consumo, o que contribui efetivamente para o surgimento e a transformação de cidades. Em Goiás, muitas se originaram de atividades coloniais, como os arraiais, dos quais muitos desapareceram (Gomes; Teixeira Neto & Barbosa, 2005). Outras tiveram origem das atividades mineradoras, de fazendas, igrejas, estradas, rodovias, ferrovias etc (ibidem). Também há aquelas que foram criadas por empresas e pelo Estado (Castilho e Chaveiro, 2007).

A dispersão urbana, principalmente a partir da década de 1970, tem forte relação com a modernização do território. Muitas aglomerações se tornaram cidades conforme a instalação de equipamentos, serviços e produtos. Relevante também foi (e continua sendo) o papel do Estado na formação de cidades por meio da transferência de recursos, da instalação de instituições entre outras ações. Também é fato que interesses eleitoreiros estiveram ligados a criação de muitos municípios.

Portanto, a modernização do território, por meio da atuação do Estado, da criação de infraestruturas, da difusão de novos modelos político-ideológicos etc, foi um importante elemento para o surgimento de cidades. Muitas, a exemplo de Heitorai, Itapuranga e Itaberaí, tiveram suas emancipações antes de 1970, mas foi a partir desta década que diversos aglomerados passaram a ser, de fato, cidades. Em Heitorai, as primeiras ocupações ocorreram no início do século XX. Mas, somente em meados daquele século o povoado surgiu e, mais tarde, deu origem à “cidadezinha”. Veremos, a seguir, detalhes dessa formação.

O processo de formação de Heitorai

Uma maneira de entendermos a atual configuração socioespacial de Heitorai é por meio de sua memória. Ressaltamos, nesse sentido, o papel dos migrantes e das famílias que marcaram a história do município, isto é, dos sujeitos e atores sociais que participaram de sua construção. Por isso, apresentaremos, de maneira sucinta, os processos e acontecimentos basilares para a formação de Heitorai.

No final do século XIX e início do XX, além dos trilhos na região Sul, um importante meio de ligação entre Goiás e outras regiões do país era o fluvial. Isso se explica pela pequena quantidade de estradas no período e de suas condições impraticáveis de circulação. Na época, o brigadeiro Couto Magalhães adquiriu dois vapores (de navegação), os quais foram transportados em doze carros de boi até as margens do rio Ara-

guaia, em Aruanã. Uma família portuguesa (os Guedes) realizava atividades nesse Rio nos equipamentos da Coroa. Mas, após o fim do contrato, os vapores não foram mais utilizados.

Nascimento dos Santos et al (2006) assinala que, no início do século XX, após o término das atividades no rio Araguaia, a referida família (nas pessoas de Joaquim Guedes, Adolfo Guedes e Luiz Guedes) requereu cinco mil alqueires de terras devolutas do Estado ao governador da época Brasil Caiado. A terra abrangia toda a área onde hoje se localiza Heitorai e partes do atual município de Itapuranga. A fazenda recebeu o nome de “Capim Puba”.

Após o desmatamento de algumas áreas, as primeiras atividades agrícolas estiveram ligadas à produção de café. Podemos mencionar, também, a cana-de-açúcar, que foi muito utilizada quando a família Guedes construiu uma fábrica de açúcar turbinada.

Na capital (Cidade de Goiás), o açúcar comercializado era o mascavo - de costume da época. Mas, como o açúcar produzido pelos Guedes era branco (devido à inovação das máquinas), sofreu rejeição ao ser apresentado aos comerciantes da capital. Em razão de sua aparência, os compradores suspeitaram de que houvesse soda em sua composição. Sem conseguir comercializar a produção, os Guedes foram a falência e, diante dos prejuízos acumulados, acabaram se desfazendo de suas terras.

Esse foi um dos momentos decisivos para a formação de Heitorai. Isso porque a grande extensão de terras dos Guedes, por negociação e comercialização, foi sendo dividida, permitindo que outras famílias passassem a ocupá-las. Primeiramente, por intermédio de Brasil Caiado, foi adquirida pelos irmãos Joaquim Crisóstomo e Francisco Crisóstomo. Na década de 1930, parte da fazenda Capim Puba foi vendida a Joaquim José de Paula, que pertencia à família dos Heitores (também de origem paulista e primo dos Crisóstomos). Em 1946, outra parcela, de 544 alqueires, foi negociada com Maximandro, que logo revendeu a Olavo Costa Campos. Desse modo, as terras foram sendo divididas e dando origem a novas propriedades. Entre esses “novos” proprietários, podemos mencionar algumas famílias, como Limas, Borges, Mouras, Batistas, Rangels, Corrêas, Gamas entre outras.

Marcante também foi a formação das colônias e, paralelamente, das lavouras de café. As famílias Campos, Crisóstomo e Paula, entre outras, destacaram-se como importantes produtoras desse grão. Porém, as lavouras cafeeiras, que estavam em declínio, logo deram lugar ao cultivo de arroz e milho.

Na metade do século XX, a capital do Estado já não era mais a Cidade de Goiás e as políticas de ocupação do Centro-Oeste brasileiro (conhecida como Marcha para o Oeste) estavam em curso. Em outras regiões do Brasil, as notícias sobre a porção central de Goiás destacavam a disponibilidade de terras baratas, férteis e a promessa de trabalho oferecido nas fazendas. Conforme Teixeira Neto (2002) uma das regiões povoadas por grandes correntes migratórias, além da região Sul, foi o interior denominado Mato Grosso de Goiás. Após os arraiais do ouro, foram as atividades agropastoris que passaram a impulsionar esses fluxos migratórios.

Mais de trezentas famílias, vindas em sua maioria de Minas Gerais e da Bahia, migraram para a região onde hoje se encontra Heitorai e constituíram as colônias (Nascimento dos Santos et al, 2006). Esse processo evidencia a força política dos governos estadual e federal e também a ligação com a elite latifundiária. A montagem dessa estrutura de poder também esteve vinculada à ruralidade do território goiano, haja vista o papel das fazendas na organização econômica e social da região.

A religiosidade, evidenciada pela forte influência da Igreja Católica, também desempenhava importante papel na estrutura de poder. Em meados do século XX, a maioria da população era católica. Um dos fazendeiros daquele período, Joaquim José de Paula, por meio de promessa à “Nossa Senhora Aparecida”, doou, na década de 1940, dois alqueires de terra nas proximidades do Rio Uru (margem direita) e ajudou a construir uma Capela (ibidem, p. 11).

Como afirmamos anteriormente, o declínio da produção de café deu lugar às lavouras de arroz e milho. Nesse período, ainda havia migrantes vindos de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte etc, para as colônias e também para arrendar ou meearem terras para formar suas próprias lavouras.

Nas fazendas já era difícil manter a grande quantidade de trabalhadores, o que se deve, também, ao surgimento de sindicatos. Como consequência, alguns proprietários diminuíram a produção de grãos e intensificaram a criação de bovinos. Muitos trabalhadores, mesmo continuando na condição de lavradores, foram morar no entorno da Capela. Segundo Nascimento dos Santos et al (idem), o primeiro morador foi o Sr. Onestino Correia. Após isso, o fazendeiro Joaquim José de Paula também passou a residir próximo a Capela.

Portanto, no município de Itaberaí, o povoado apelidado de Capela começa a surgir. Esse é outro momento (década de 1950), que consideramos basilar para o processo de formação de Heitorai. Podemos sistematizá-los da seguinte maneira: *primeiro momento*: quando os Guedes vendem suas terras e mais famílias ocupam-nas; *segundo momento*: a constituição das lavouras e a chegada de migrantes (formação das colônias); *terceiro momento*: a construção da capela e o surgimento do povoado. Esses momentos foram fundamentais, pois constituíram as bases para que Heitorai, mais tarde, viesse a ter uma dinâmica propriamente urbana.

Já na década de 1950, em função do aumento do número de moradores no povoado e, conseqüentemente, de devotos católicos, iniciou-se a construção da Igreja Matriz ao lado da Capela. Foi feita com ajuda de fazendeiros, dos próprios moradores e de recursos provenientes das festas religiosas. Observe, na figura 7, que o carro-de-boi foi importante meio de transporte no período de construção.

Fonte: Acervo pessoal da Sra. Abadia Rosa de Paula.



Figura 7: Construção da Igreja Matriz de Heitorai (déc. 1950)

A construção de uma Igreja maior indica que já havia uma comunidade constituída. O surgimento de um povoado e, como afirmou Santos (1979), a constituição de uma aglomeração exige que certas necessidades sejam satisfeitas por meio de bens e serviços. Por isso, além da Igreja no lugar da capela, a população necessitava de serviços como educação e saúde, equipamentos, produtos básicos etc. Na década de 1950, havia pequenos mercados, bares, farmácia, cabeleireiro e novas religiões. Os filhos de fazendeiros contavam com professoras particulares em suas próprias residências. Mas, e os filhos das demais famílias? Nessa mesma década, a prefeitura de Itaberaí construiu a primeira escola do povoado, o grupo escolar “Coronel João Caldas”. Posteriormente, esse grupo passou a se chamar Olavo Costa Campos.

Ponto fundamental no processo de formação de Heitorai foi sua emancipação. Por meio da lei de criação 4.653, de 8 de outubro de 1963, deixou de ser povoado/distrito de Itaberaí e passou a constituir-se, legalmente, como município. Em homenagem a Joaquim José de Paula (por ter doado o terreno e ajudado na construção da Capela onde iniciou-se o povoado), o primeiro mandato do município foi seu. O nome da cidade, por sua vez, foi uma homenagem ao sobrenome de seu pai, Heitor. As duas últimas letras de Itaberaí foram acrescidas a esse sobrenome, formando o nome Heitorai. Essa denominação, portanto, guarda um costume da época: o de homenagear o pai, revelando uma estrutura social fortemente assentada no papel masculino. Soma-se a isso, ainda hoje, o fato de muitos filhos receberem o nome do pai (Fulano “Filho”, Fulano “Júnior”, Fulano “Neto”), o que não acontece com as mulheres e suas respectivas mães (Fulana “Filha”, Fulana “Neta”). Esse assunto mereceria uma discussão mais detalhada, o que pode ser feito em outro momento.

Mas, o fato é que, mesmo com a emancipação do município, a “nova cidade” continuou predominantemente rural, não sendo, de fato, cidade. De acordo com Souza (2005), a vida econômica de um povoado gravita em torno da agricultura e da pecuária; o comércio e os serviços (bens de consumo rotineiro) são simplérrimos e voltados para o abastecimento local. Já na cidade, a vida econômica é diversificada; surgem novos estabelecimentos

comerciais. Nesse caso, mesmo reconhecida legalmente como cidade, a dinâmica socioespacial de Heitorai – recém emancipada - vinculava-se fortemente às atividades do campo. O modo de vida, o trabalho, o cotidiano, nesse sentido, eram essencialmente rurais. Na própria estrutura de poder, a figura do fazendeiro exercia forte influência. Destacava-se, também, o papel do padre, do benzedor e de outros notáveis (Santos, 1993). O tempo lento era hegemônico. O carro, a TV, as máquinas agrícolas eram raríssimos no município. Além do mais, as vias de acesso tinham más condições. Ou seja, destacava-se a carroça, o cavalo e o carro-de-boi. As relações com as cidades vizinhas e com Goiânia, nesse sentido, eram bastante elementares.

Porém, os repasses do Estado ao “novo município” atraíram mais habitantes e proporcionaram a ampliação dos serviços. Novas instituições foram implantadas, a exemplo da Escola Municipal Alcides Rangel, inaugurada em 1966 e que passou, em 1967, à administração estadual, recebendo novo nome: Colégio Estadual Dom Abel. Os atores sociais se diversificaram. Juntaram-se aos notáveis tradicionais (fazendeiro, padre, curandeiro), os professores, o tabelião, os farmacêuticos, os comerciantes, os pequenos industriais e, com as novas religiões, os pastores, cooperadores e missionários.

Na passagem da década de 1960 para 1970, a população urbana de Goiás começa a superar a rural, período em que o campo se tornou mais produtivo e milhares de trabalhadores rurais passaram a residir nas cidades (êxodo rural). Em Heitorai também foi um período de ascensão da população urbana e declínio da rural. O trator possibilitou novas formas de produção, o automóvel deu novo sentido à circulação e o rádio exerceu importante papel na informação. Nas residências, um símbolo da transformação foi a substituição da privada (“casinha”) pelo vaso. São elementos que simbolizam a nova lógica que alcançava municípios como Heitorai.

Segundo Nascimento dos Santos et al (2006), em 1977 foi construído um posto de saúde; em 1978, a prefeitura municipal; em 1983, uma nova escola estadual – Joaquim Teodoro de Souza; e, em 1987, o Hospital municipal. Ampliavam-se, assim, as funções

do Estado e do Município.

Na década de 1980 a população de Heitorai alcançou 3.283 habitantes, sendo 1.833 urbanos e 1.450 rurais. A taxa de urbanização era de 55,89 %. Portanto, por mais que a população urbana fosse maior, ainda havia um número importante de habitantes residindo no campo.

A concretização das funções do Estado e Município foram primordiais para a formação de Heitorai: é o *quarto momento*. Aqui entra a emancipação e a implantação de instituições estaduais, a exemplo do colégio e da delegacia. Na metade da década de 1980, com a pavimentação da rodovia estadual GO 156, que liga Heitorai à Itaberaí, ampliaram-se as relações do município com outras cidades. Observe nas imagens da figura 8 o arranjo espacial da cidade na década de 1980:



Fonte: acervo pessoal da Sra. Olinda Teodoro.

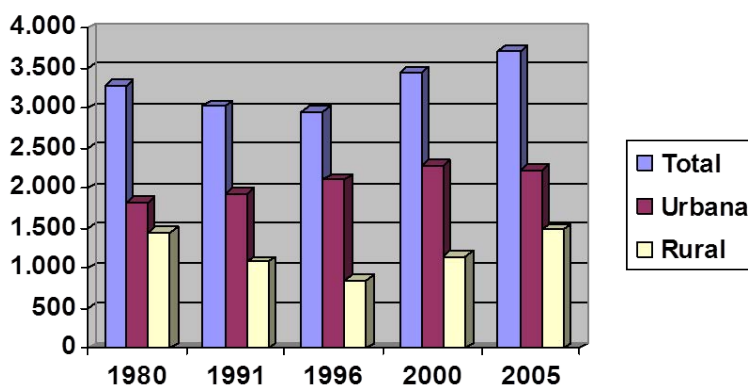


Figura 8: Heitorai (déc. 1980).

A) imagem aérea da cidade; B) Rodoviária; C) Praça da Matriz e Igreja Católica

O campo passou a ser mais produtivo, em consequência menos habitado. Conforme demonstra o gráfico 1, de 1980 para 1996 a população urbana registrou crescimento. Contudo, o declínio da população residente na área rural foi mais expressivo, resultando na diminuição do número total de habitantes do município. Isso ocorreu porque uma parcela significativa dos residentes rurais não migrou necessariamente para a cidade de Heitorai, mas, principalmente, para Goiânia.

Gráfico 1 – Heitorai: população residente (1980 - 2005)



Fonte: SEPLAN / IBGE (2006).

Org.: Denis Castilho.

De 1996 para 2005, a população rural aumentou. Esse crescimento relaciona-se à atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). De acordo com dados da Superintendência Regional do INCRA (Seplan, 2006), 91 famílias foram assentadas por meio da reforma agrária em uma área de 2.996,2030 hectares no município de Heitorai. Foram implantados cinco projetos de assentamento: Bom Jesus, Lagoa Grande, Brumado I, Margarida Alves e São Bento. Nas últimas décadas, o balanço demográfico demonstra uma tendência à sedentarização da população. Esse fenômeno será analisado mais detidamente no próximo capítulo.

Portanto, a dinâmica socioespacial de Heitorai tem relação com os quatro momentos de sua formação destacados até aqui. É im-

portante destacar que, a partir das décadas de 1980 e 1990, intensificaram-se as relação do município com outras cidades. Os fluxos de informações, pessoas, produtos e bens também aumentaram, evidenciando novas lógicas territoriais. No período contemporâneo (início do século XXI), deparamo-nos com a cidade apresentada no primeiro capítulo. Nessa altura das discussões, sabe-se que configurou-se um fenômeno urbano em Heitorai. Mas, que tipo de urbano? o que faz dela uma cidade?

O que faz de Heitorai uma cidade?

Sob o crivo legal, a cidade corresponde à área delimitada como urbana nos municípios brasileiros, onde se localiza a sede municipal. Uma vez emancipado por lei, o nome da sede geralmente coincide com o do próprio município. Os povoados e as vilas são considerados aglomerados urbanos, mas somente o núcleo urbano que abriga a sede de um município é oficialmente classificado como cidade. Essa classificação é estabelecida com base em critérios legais e estatísticos adotados pela união e pelo IBGE, contribuindo para a definição de limites territoriais. Ou seja: a cidade, entendida como área urbana, limita-se ao perímetro urbano. De acordo com essa classificação, portanto, Heitorai é uma cidade desde 1963, ano de sua emancipação política. Porém, quando buscamos compreender as relações e atividades desenvolvidas em seu território, o critério legal-administrativo, por si só, não é suficiente para dizer, em termos socioespaciais, que se trata de um núcleo de povoamento eminentemente urbano.

Conforme Deus (2002b), autores como Martine (1994) consideram cidades apenas as aglomerações com 20.000 ou mais habitantes. Aplicado a Goiás, esse critério excluiria a maioria das cidades e produziria a ideia de imensos vazios urbanos no território goiano. Em regiões de baixa densidade, portanto, tal parâmetro distorce a realidade ao desconsiderar as influências que “pequenas” cidades exercem em uma determinada área, podendo até abranger diversos outros municípios (ibidem).

Alguns economistas neopositivistas, por adotarem modelos globais de classificação de cidades, questionam o critério oficial de classificação de urbano e rural no Brasil. Veiga (2002), por exemplo, ao defender a tese que o Brasil é menos urbano do que se calcula, diz que, ao contrário das definições oficiais, muitas cidades brasileiras de pequeno porte, não são, de fato, urbanas. Para o autor, há um exagero na definição do grau de urbanização no país, propondo, em seu lugar, uma classificação pautada em procedimentos estatísticos e na densidade demográfica, considerando urbana a localidade com pelo menos 150 habitantes por quilômetro quadrado. O autor também aponta que, quanto mais artificial for um dado espaço, menos rural ele é. Ora, em muitas áreas rurais goianas, as transformações e a artificialização da paisagem são profundas, sem que isso implique a perda de seu caráter rural. O que ocorre é uma transformação desse espaço pela introdução de novas técnicas e das modernas formas de produção.

A classificação proposta por Veiga (2002) pode simplificar a realidade goiana, uma vez que nesta Unidade da Federação a densidade demográfica é inferior àquela observada nas Unidades Federativas do Sudeste do país. Além do mais, o fenômeno urbano se diferencia entre as regiões brasileiras. Por exemplo, uma cidade com 5 mil habitantes em Goiás, não possui a mesma dinâmica territorial que uma do mesmo porte em São Paulo.

Portanto, é necessário recorrer a fundamentos que não se restrinjam à quantidade de habitantes. A cidade corresponde à dimensão concreta e material, enquanto pensar o urbano significa considerar a dimensão humana e as relações sociais. Ou seja, o urbano constitui um modo de vida, e a cidade, sua expressão material. Compreender sua essência, portanto, implica apreender o urbano. Essa concepção do urbano é defendida por Lefebvre (2001), que afirma:

talvez devêssemos introduzir aqui uma distinção entre *cidade*, realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico e por outro lado, o "urbano", realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas

pelo pensamento [...] O *urbano*, assim designado, parece poder passar sem o solo e sem a morfologia material, desenhar-se segundo o modo de existência especulativo das entidades, dos espíritos e das almas [...] (p. 48-49, grifo do autor).

Chaveiro (2001) demonstra que a realidade urbana tem sua concretização substantiva na cidade. Para esse autor, o atual período histórico, de proeminência do urbano, resulta de processos que cruzam economia, demografia, política, espaço, tempo, subjetividade, moral, ética, classes, tecnologia, técnica, virtualidade e outros. Esses processos, no nível de implicação que têm um sobre outro, torna o fenômeno urbano complexo de uma maneira nunca antes vista na história, incidindo espacialmente também de maneira complexa naquilo que é a sua expressão material mais tangível: a cidade (ibidem).

Da metrópole às cidades locais, encontramos diferentes manifestações do fenômeno urbano. Por isso, não podemos conceber a mesma idéia de urbano para uma Metrópole e para uma cidade local. Se o padrão fosse o mesmo, realmente muitas “cidades” não seriam, de fato, reconhecidas como cidades ou espaços urbanos.

Santos (1979) afirma que, para que exista uma cidade, “deve haver necessidades que exijam ser satisfeitas regularmente - necessidades quase sempre impostas de fora da comunidade - mas é necessário, por outro lado, que exista criação de atividades regulares especialmente destinadas a responder a essas necessidades” (p. 71).

Segundo Souza (2005), diferentemente dos povoados e vilas, que se confundem em grande medida com o campo, “as cidades possuem uma certa centralidade econômica” (p.26). Sua área de influência pode, muitas vezes, não ir além dos limites municipais. Todavia, acrescenta o autor: “basta ela polarizar economicamente o seu entorno imediato [...], para que sua área de influência seja digna de nota. A cidade é, sob o ângulo do uso do solo, ou das atividades econômicas que a caracterizam, um espaço de produção não agrícola, de comércio e oferecimento de serviços” (p. 27).

A cidade é também um centro de gestão do território, onde se localizam sedes de órgãos públicos, empresas, instituições governamentais, prefeitura, igrejas etc. É também nela que se concentram centros religiosos e políticos. Souza (idem) comenta que “uma cidade não é apenas um local que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos, e onde pessoas trabalham; uma cidade é um local onde pessoas se organizam e interagem com base em interesses e valores os mais diversos” (p. 28). Isso significa que não podemos nos prender somente a quantidade de habitantes para explicar a dinâmica socioespacial de uma cidade.

Portanto, mesmo possuindo poucos habitantes, Heitorai é uma cidade. Mas que tipo de cidade? Santos (1979) afirma que, se há necessidades satisfeitas por bens e serviços, temos um fenômeno urbano: a cidade local. Mesmo estando na periferia de um sistema urbano, ela facilita o acesso da população a bens e serviços básicos. Nesse sentido, Heitorai constitui uma cidade local.

Corrêa (1999) demonstra que a “elevada ocorrência de pequenos centros deriva, de um lado, de uma necessária economia de mercado, *por mais incipiente que seja*, geradora de trocas fundamentadas em uma mínima divisão territorial do trabalho” (p. 45, grifo nosso).

Então, a própria noção de *cidade local*, que será discutida no tópico “Heitorai: uma cidade local”, ajuda a compreender que tipo de cidade estamos nos referindo. É por isso que concordamos com Santos (1979), para quem não há dualismo entre metrópole e cidade local, mas sim contrastes, diferenciações e imbricações. Por ser uma manifestação específica do fenômeno urbano, Heitorai é, portanto, uma cidade local.

UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DE HEITORAÍ

A abordagem da paisagem, a análise do processo de modernização do território goiano e da formação de Heitorai possibilitaram chegarmos aqui, em um momento da leitura que se torna possível avançar para uma discussão sobre o território. A partir de agora, nossa proposta é apresentar uma análise mais profunda e detalhada de Heitorai, considerando seus elementos físico-territoriais, incluindo a morfologia urbana, e as interações territoriais que conformam a dinâmica socioespacial do município.

Uma leitura físico-territorial

O município de Heitorai possui 229,666 km². Conforme a figura 9, é constituído por topografia plana com leve ondulação (0 a 4 % de declividade), algumas áreas onduladas (4 a 10% e 10 a 17%) e algumas serras, com declividades entre 25% e 45%.

O relevo do município apresenta-se predominantemente plano e ondulado em direção ao norte, onde se encontra o rio Uru (área de menor altitude), e mais irregular na porção sul. Essa configuração pode ser observada na altimetria do município em formato digital (figura 10, página 52).

Figura 9 – Município de Heitorai: Declividade

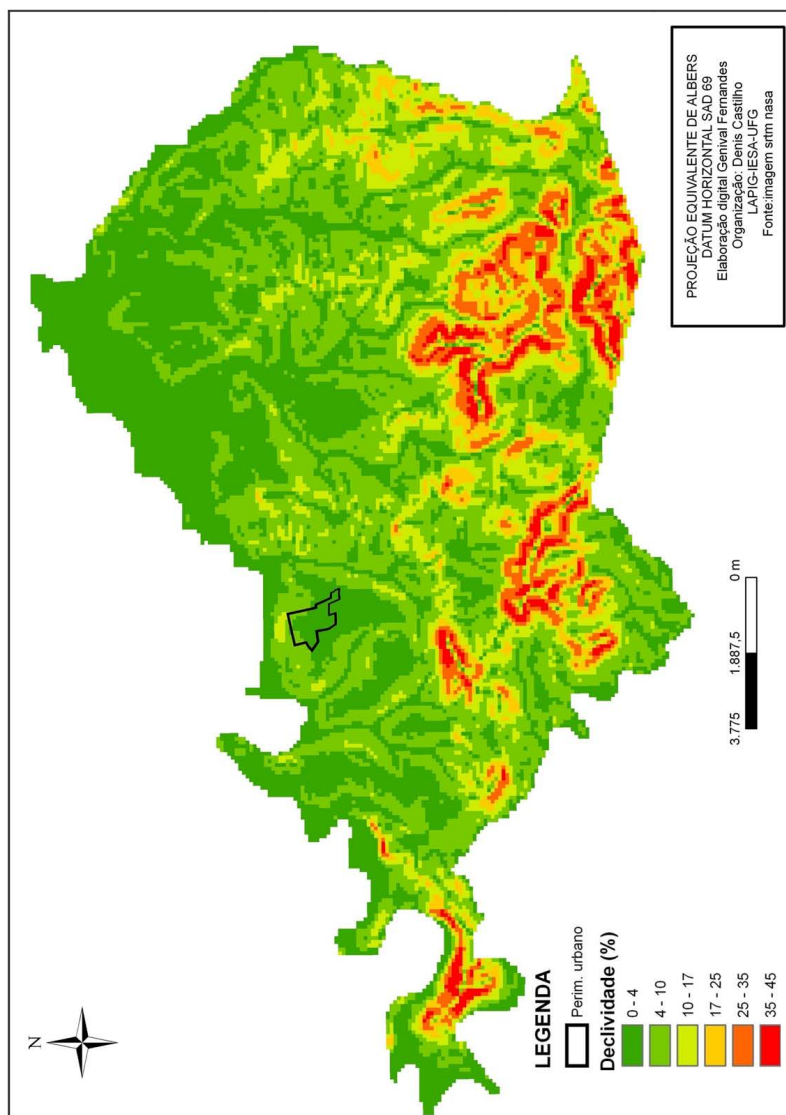
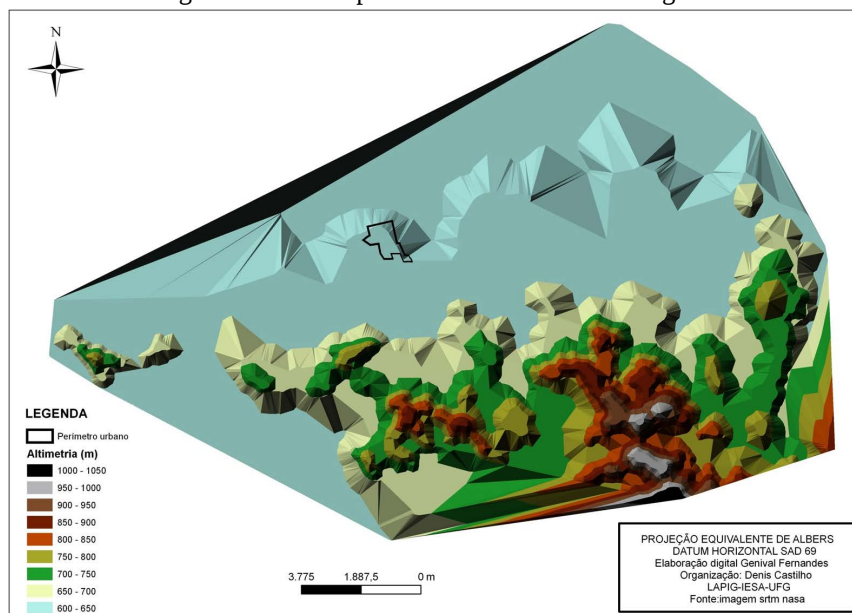


Figura 10 – Município de Heitorai: Altimetria Digital



No que tange aos solos, grande parte do município é formada por *latossolos*, predominantes na porção norte, onde o relevo é mais plano com leves ondulações. Há também os *chernossolos*, *cambissolos* e *argissolos* (figura 11).

Os latossolos apresentam avançado estágio de intemperização e são profundos, com coloração que varia entre o vermelho e o vermelho-escuro. Em Heitorai, predominam os vermelhos, cuja coloração indica a presença de hematita, um óxido de ferro, e pequena quantidade de arenitos. Essas características influenciam a fertilidade do solo. Em algumas áreas, porém, o pH (potencial hidrogeniônico) é inferior a 7, indicando acidez. Para a prática agrícola, isso demanda a correção da acidez por meio da aplicação de calcário, procedimento denominado calagem.

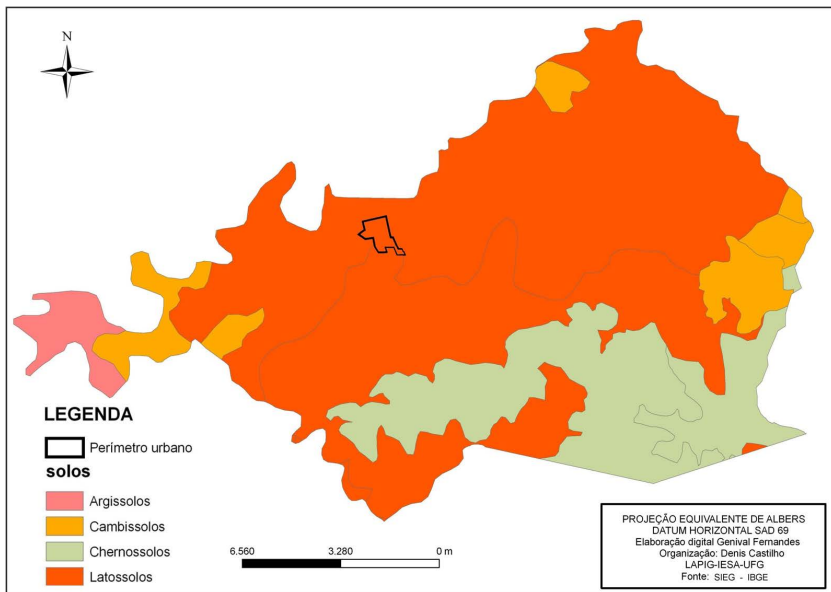
Os chernossolos apresentam coloração mais clara que os latossolos. A drenagem nesse tipo de solo pode variar de acordo com as condições locais, podendo ser bem ou mal drenados. Apresentam acidez moderada e, em geral, maior alcalinidade (pH acima de 7). Em Heitorai, os chernossolos se encontram na porção

do município onde o relevo é mais irregular. Em pequenas áreas de relevo plano, os chernossolos apresentam condições favoráveis à produtividade de culturas como o arroz.

Os cambissolos, por serem solos jovens, são pouco profundos e cascalhentos. Além de ácidos, apresentam pouca acumulação de argila e drenagem moderada. Ocorrem em pequenas áreas nos extremos leste, oeste e norte do município.

Por último, os argissolos, são mais rasos que os latossolos e mais profundos que os cambissolos. Apresentam fertilidade moderada e são os de menor ocorrência em Heitorai, concentrando-se no extremo oeste do município, às margens do rio Uru. Essa distribuição pode ser observada no mapa de solos (Figura 11).

Figura 11 – Mapa de solos do município de Heitorai

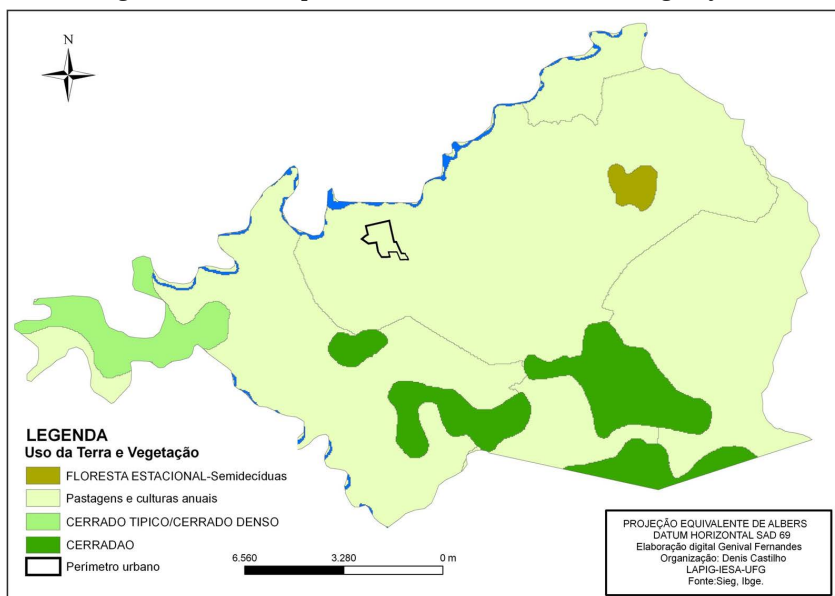


Em decorrência dos solos férteis, característica da mesorregião Centro Goiano (antigo Mato Grosso Goiano), a vegetação, no município, é constituída por cerradões, florestas estacionais ou semidecíduais (matas secas), cerrado típico ou *stricto sensu* e matas úmidas (ciliares). Conforme a figura 12, os cerradões concentram-se principalmente na porção sul do município

onde predominam chernossolos e maiores declividades. Das matas secas, que originalmente cobriam grande parte do município, restam apenas algumas manchas e uma pequena área na porção nordeste. O cerrado típico encontra-se no extremo leste, em terreno mais irregular (ramificação da Serra Dourada), onde predominam os argissolos.

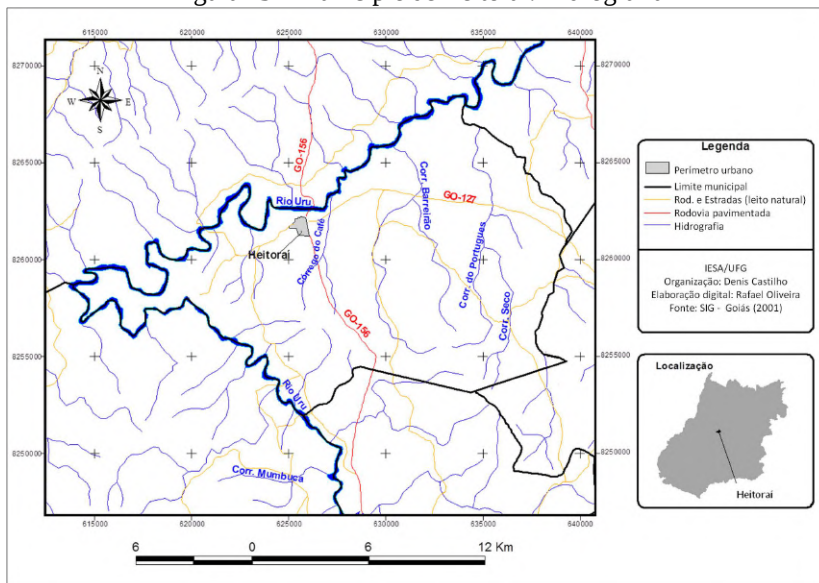
Como a principal atividade que se desenvolveu e se desenvolve em Heitorai é a agropecuária, grande parte da vegetação original foi derrubada para formação de lavouras e pastagens. Da cobertura nativa, restam apenas manchas nas propriedades, ao longo dos cursos d'água (matas ciliares) e em terrenos de relevo mais irregular. Ainda restam algumas áreas de cerrado *stricto sensu* e cerradão pelo fato de se encontrarem em relevos fortemente ondulados (serras) e proximidades, onde as atividades agropecuárias são menos frequentes. Porém, culturas como a banana já têm provocado desmatamentos também em áreas de maior declividade. A figura 12 demonstra os usos da terra e as principais áreas onde ainda restam formações vegetais nativas.

Figura 12 – Município de Heitorai: usos da terra e vegetação



Como mostra o mapa hidrográfico (figura 13), o município é banhado por diversos córregos, entre eles podemos citar o do Café, Olaria, do Laranjal, Seco, do Barreiro, do Barreirinha, da Vargem, da Fartura, da Aroeira, do Português, das Posses, Campo Alegre e das Lajes, os quais são afluentes do Rio Uru². O município se posiciona à margem direita desse Rio, que se constitui como um dos principais berços da bacia do Tocantins.

Figura 13 – Município de Heitorai: Hidrografia



Apesar de sua pequena extensão territorial, o município possui uma drenagem significativa, o que influencia o valor da terra e as formas de uso e ocupação. Como demonstra a Figura 12, nas proximidades do rio Uru desenvolvem-se intensas atividades agrícolas, como o cultivo de melancia, maracujá, banana e cana-de-açúcar. Além disso, recentemente, muitos proprietários de áreas próximas ao rio passaram a lotear suas margens para a instalação de campings e pousadas. Esse processo tem contribuído para a especulação imobiliária nas margens do rio e para a restrição do acesso público às suas margens. O manejo inadequado das lavouras

² O nome é de origem tupi-guarani. Uru significa uma “ave galiforme da família dos fasianídeos”, encontrada nas regiões centro-sul e oeste do Brasil e que vive em pequenos bandos no chão. No período em que os indígenas habitavam a região de Heitorai, haviam muitas dessas aves (parecidas com galinhas) nas proximidades do rio que teria recebido, por isso, o nome de Uru.

e a ocupação indevida das margens podem causar graves impactos ambientais ao ecossistema do rio. Por isso, é necessário desenvolver ações de educação ambiental que promovam o uso e ocupação adequados dos diferentes ambientes naturais e, como propõe Rigonato (2005), que valorizem o cerrado, destacando suas fitofisionomias e potencialidades culturais. Aqui ressaltamos a importância das espécies nativas e principalmente das veredas, que constituem áreas protegidas por lei. A construção de uma consciência ambiental envolvendo estudantes, professores, trabalhadores, fazendeiros, gestores municipais etc, pode estimular ações de valorização e defesa do que resta do cerrado. Daí a importância de iniciativas como a “Descida Ecológica do Rio Uru”, que se soma a outras mobilizações, como seminários promovidos por professores nas redes de ensino e junto à comunidade.

A estrutura fundiária, como mostramos no capítulo anterior, começou a se formar no século passado. A posição de Heitorai na mesorregião Centro Goiano (antigo Mato Grosso goiano) ajuda a explicar, além das políticas de ocupação do território, a chegada de migrantes (fazendeiros e camponeses), atraídos pelas “áreas férteis do cerrado”. Como mostra o mapa de uso da terra e vegetação (figura 12), a porção central do município, onde predominam os latossolos, foi a área mais explorada e concentra atualmente a maior quantidade de propriedades rurais. A atual distribuição pode ser observada na Tabela 1:

Tabela 1 – Heitorai: Estrutura fundiária (2003)

Propriedade	Quantidade	Área total (há)
Pequena (0 a 80 ha)	178	5.114,20
Média (> 80 a 300 ha)	50	8.436,70
Grande (> de 300 ha)	17	8.909,80

Fonte: SEPLAN / INCRA (2006).

Elaboração: Denis Castilho.

Nota-se que a quantidade de pequenas propriedades é maior que a quantidade de médias e grandes propriedades. Porém, as 17 grandes propriedades somam uma área maior que as 178 pequenas: 8.909,80 ha para as primeiras e 5.114,20 para as segundas. Do total de 22.460,7 ha, a terra em Heitorai é utilizada

para pastagens, lavouras permanentes e temporárias e áreas em descanso, que somam 19.721,7 ha. Restam, portanto, apenas 2.739 ha de cobertura vegetal (ver figura 12, apresentada anteriormente). Como veremos em tópicos posteriores, essa estrutura do espaço rural tem papel fundamental na dinâmica socioespacial de Heitorai.

O perímetro urbano do município dista 500 metros do Rio Uru. Apesar dessa proximidade, é o Córrego do Café (figura 14) que abastece a cidade, já que o consumo atual ainda não exige a vazão de um rio.

Fotografias: Castilho (2006).

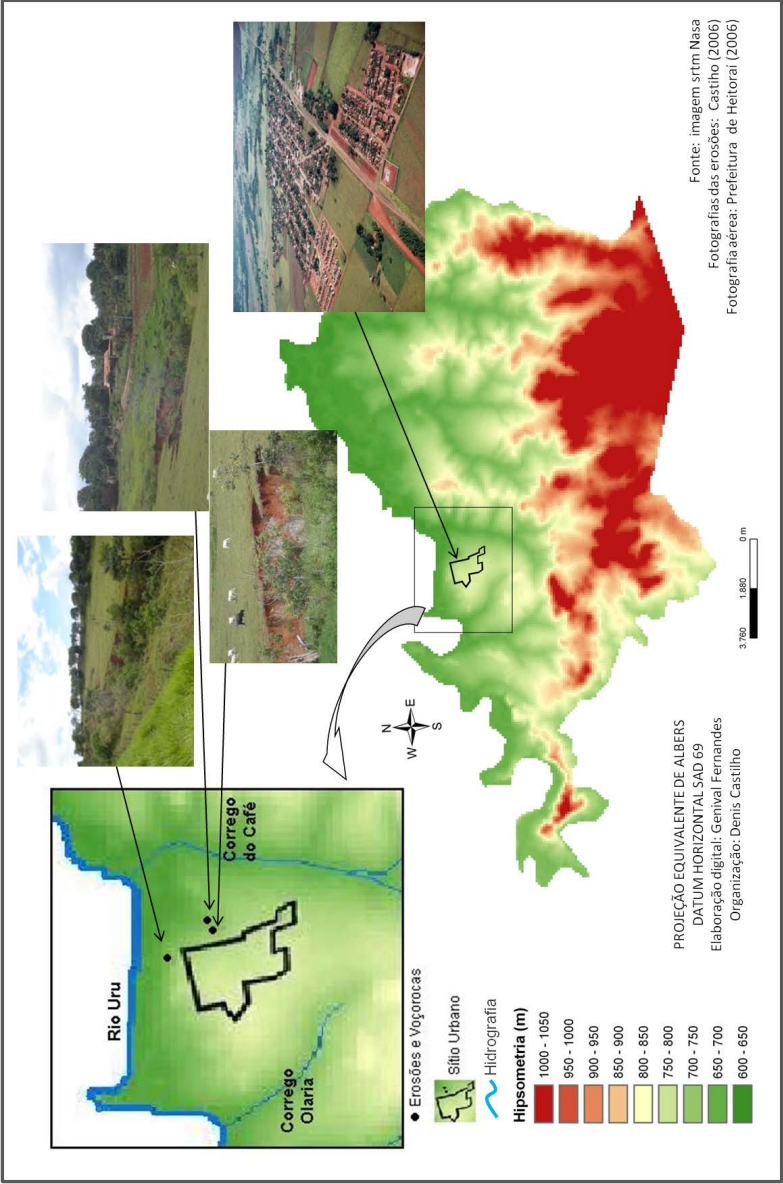


Figura 14 - Local de captação de água no córrego do Café e instalações da Saneago na fazenda capim pua (2006)

A sede municipal de Heitorai está situada a 658 metros de altitude, nas coordenadas 15° 43' 08" de latitude sul e 49° 49' 45" de longitude oeste. Localiza-se na parte mais elevada do interflúvio entre o córrego do Café, o correjo Olaria e o Rio Uru (figura 15).

A topografia, na cidade, é predominantemente plana, com leve ondulação em direção aos cursos d'água. O solo, assim como em grande parte do município, é constituído por latossolos. Na cidade, não há ocorrência de erosões. Já nas poções leste e nordeste do perímetro urbano, devido à declividade em direção ao Rio Uru e à ausência de cobertura vegetal, há ocorrência de processos erosivos, inclusive voçorocas. A figura 15 apresenta essas ocorrências e a localização do sítio urbano no mapa altimétrico do município.

Figura 15 – Heitorai: Hipsometria do município e localização e localização do sítio urbano



As ocupações que ocorreram e ocorrem sobre o sítio urbano materializam-se em formas – edificações, ruas, casas, estabelecimentos comerciais, praças etc - que caracterizam a morfologia urbana. Vejamos, então, a configuração morfológica de Heitorai.

Zoneamento morfológico-funcional de Heitorai

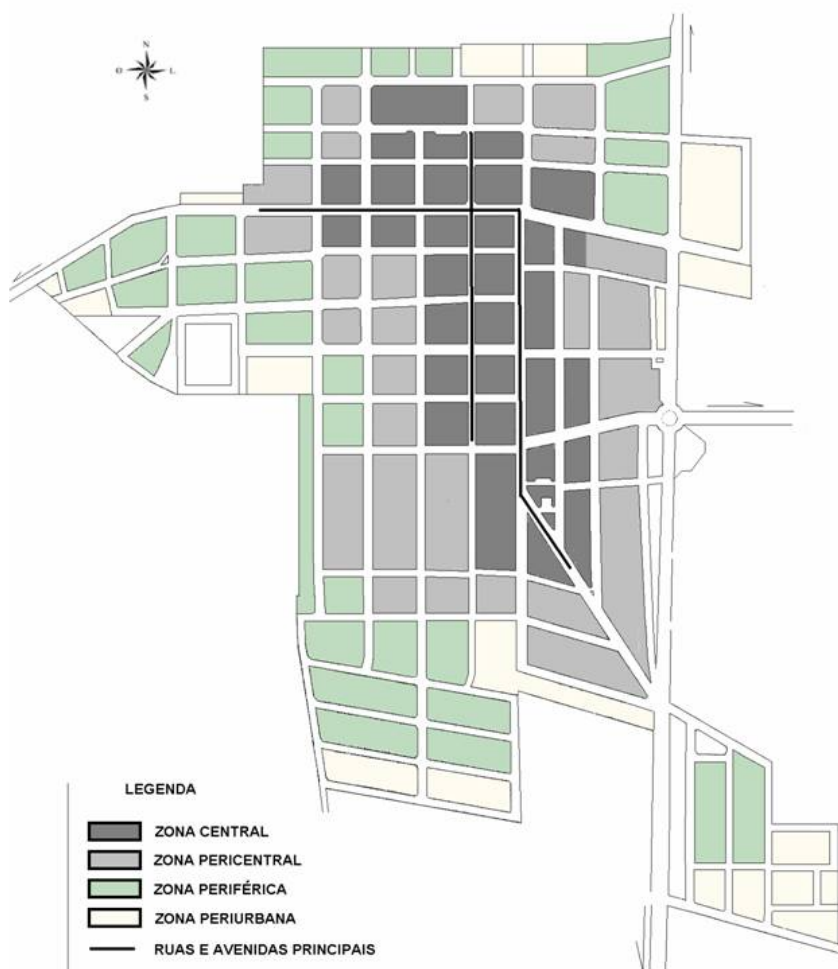
As cidades apresentam diferentes tipos de espaços e possuem, em grande parte, zonas centrais, zonas residenciais (em alguns casos, com pequenos comércios de bairro), zonas comerciais etc.

Em uma pesquisa sobre “a morfologia das cidades médias”, Amorim Filho e Sena Filho (2005) apontam que o zoneamento morfológico-funcional das *cidades pequenas* se configura da seguinte maneira:

- Zona Central: praça e rua principal; poucos equipamentos terciários (administrativos, comerciais, religiosos); forte presença de função residencial; pequena diferenciação morfológica e da paisagem;
- Zona Pericentral: pouca diferenciação em relação ao centro; confundindo-se, igualmente com a periferia;
- Zona Periférica: a não ser por algumas “vilas” que acompanham estradas, pouco se distingue da zona pericentral;
- Zona Periurbana: enquanto zona de transição urbanorural praticamente não existe. Isso porque, na prática, não ocorre tal transição.

Cada cidade apresenta uma morfologia própria. Todavia, há uma tendência de arranjo de zonas urbanas em todas, a exemplo do centro, do pericentro, da periferia etc. A classificação enunciada, portanto, indica uma tendência de organização das cidades pequenas. Essa divisão parte de critérios “formas” (as aparências, as edificações) e “funcionais” (atividades econômicas e residenciais). Conforme a figura 16, as zonas em Heitorai estão assim configuradas:

Figura 16 – Zoneamento morfológico-funcional de Heitorai (2006)

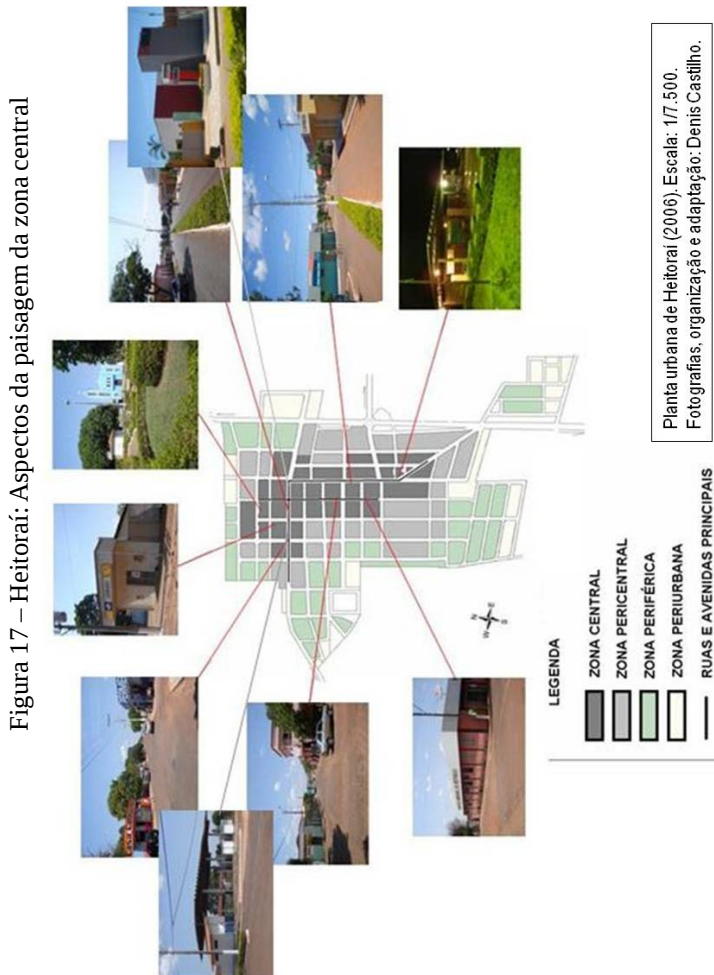


Planta urbana de Heitorai (GO). Escala: 1/7.500.

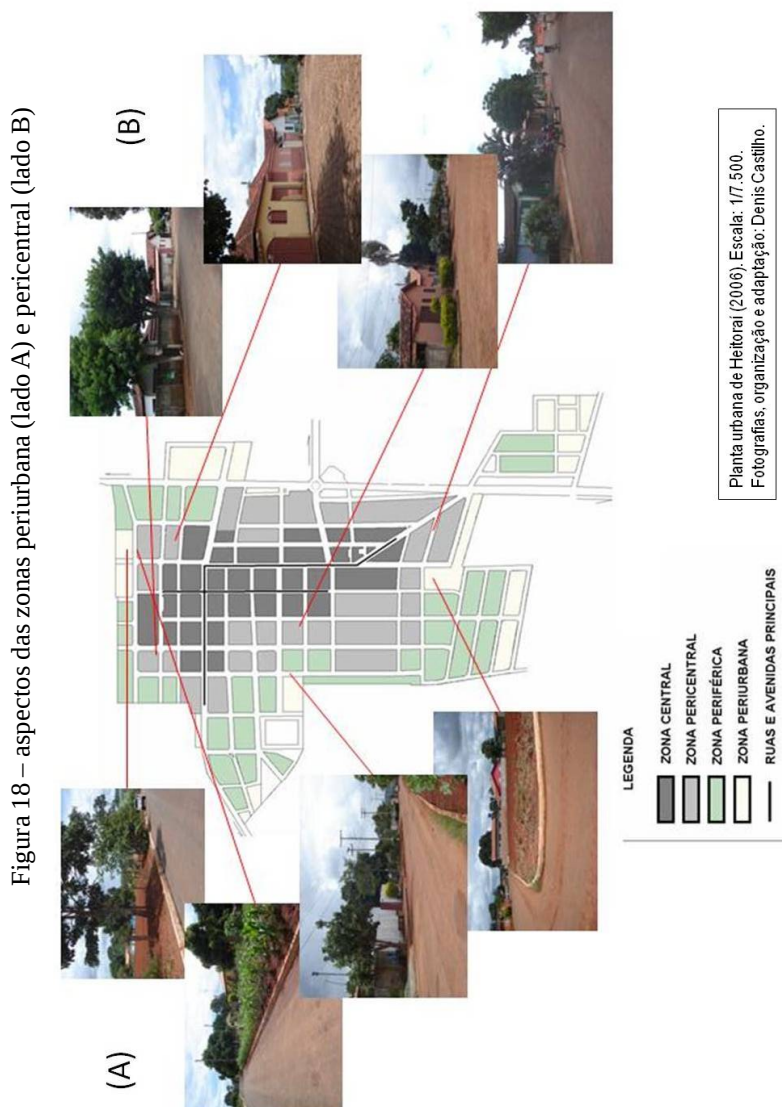
Fonte: Prefeitura municipal de Heitorai (2006).

Zoneamento morfológico-funcional: Denis Castilho (2006).

Entre a zona central e a zona periurbana há uma diferença notável na paisagem. Entre as zonas central, pericentral e periférica, porém, essa diferença é pequena. Diferentemente das metrópoles, onde essas zonas são mais facilmente identificáveis, em Heitorai poucos elementos indicam essa diferenciação, como estabelecimentos comerciais, prefeitura, postos bancários, praça, igreja, escolas e colégios, os quais se localizam principalmente na zona central. A quantidade de fluxo diário, maior na zona central, caracteriza as ruas e avenidas principais. Observe na figura 17 alguns estabelecimentos localizados na zona central:



As residências estão presentes em todas as zonas. Na zona periurbana, há inclusive residências com grandes lotes, onde são desenvolvidas atividades típicas do campo, como pequenas lavouras de arroz, mandioca e milho (figura 18, lado A). Portanto, nessa zona, a paisagem urbana também traz elementos do mundo rural. A figura abaixo apresenta aspectos das zonas periurbana e pericentral.



Como um dos pressupostos dessa classificação é o aspecto “formal” (que também deriva das funções de cada zona), alguns de seus elementos remetem à paisagem. No plano metodológico, são duas dimensões que precedem a análise do território. A paisagem da área urbana de Heitorai apresenta diferenciações, enquanto o zoneamento morfológico constitui uma classificação a partir dessas diferenciações, as quais, por sua vez, são produzidas no plano das ações e da política - portanto, no âmbito territorial.

Elementos territoriais de Heitorai

A dinâmica socioespacial de Heitorai, tanto em nível local quanto regional, é essencialmente territorial. Nesse sentido, sendo o território uma categoria que permite apreender a dimensão política do espaço, é por meio dele que buscamos consubstanciar o estudo socioespacial. Para Santos e Silveira (2002), o processo de reconstrução paralela da sociedade e do território pode ser entendido a partir dessa categoria, o que justifica nossa recorrente associação entre dinâmica *socioespacial* e território. De acordo com Machado (1997), território é o resultado de um processo de apropriação de um grupo social e do quadro de funcionamento da sociedade, comportando, assim, ao mesmo tempo, dimensões material e cultural dadas historicamente.

Nesse sentido, ler Heitorai territorialmente nos coloca diante da necessidade de saber como os sujeitos sociais se organizam como um todo na relação com o espaço, o que pressupõe examinar fatores materiais e imateriais. Nesses termos, como nos ensina Machado (1997), analisar concretamente o território significa entendê-lo como um produto da história de seu povo e, portanto, como realidade em constante transformação.

A autora ainda acrescenta que, para o aprimoramento da análise contemporânea, é necessário considerar não apenas as grandes transformações em termos mundiais, mas também as novas formas de funcionamento do território em escala local, como é o caso de Heitorai.

Aqui temos um primeiro pressuposto: o território também se realiza em escala local. Portanto, Heitorai, além de possuir uma

dinâmica territorial própria (local), também é um ponto entre os demais que constituem o território goiano.

Para Raffestin (1993), o território é produzido por atores sociais nas relações de poder tecidas em sua existência. Acrescenta que, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, os atores (sujeitos sociais) “territorializam” o espaço. As empresas e o Estado, por exemplo, por meio de suas ações, recortes, imposições etc, são agentes produtores de territórios.

Isso significa que o território de Heitorai é fruto da relação que seus sujeitos possuem com o município, numa atitude de morar, trabalhar, viver. Como essa relação é, essencialmente, política, também envolve diferentes interesses, disputas de poder, enfrentamentos, conflitos, sinergias, trocas, etc.

Souza (2003) apresenta alguns questionamentos a Raffestin, mas também destaca as relações de poder como aquelas que definem o território. Ele afirma que todo território pressupõe um espaço social, mas que, nem todo espaço social é território. Nesse sentido, defende que *território* “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (p. 78).

No processo de formação de Heitorai, a constituição territorial esteve ligada às oligarquias, especialmente aos fazendeiros. Outros atores e instituições, contudo, também participaram da delimitação desse espaço e das relações de poder, como o Estado, a Igreja e os trabalhadores. Mais tarde, veremos que, em decorrência da inserção de Goiás na economia global, o capital moderno também passa a atuar nesse processo. Heitorai, nesse sentido, é parte de um território em que religiões, o Estado, fazendeiros, trabalhadores e o capital moderno representado por empresas, bancos etc, são os principais agentes dinamizadores da economia e da política.

“Território é um nome político para o espaço”, argumentam Santos e Silveira (2002, p. 19). O permanente processo de reconstrução territorial, e da mesma maneira, a redinamização do espaço geográfico, nos coloca diante da necessidade da contextualização do conceito. Para esses autores, o que interessa discutir, portanto, é o *território usado*, sinônimo de espaço geográfico (idem, p. 20, grifo nosso). O meio técnico-científico-

informacional é a expressão geográfica da globalização. Entram em cena novos atores, o mercado passa a atuar como principal regulador, e um novo conjunto de técnicas torna-se hegemônico, constituindo a base material da sociedade.

Melo (2005) comenta que “o mundo globalizado dá outro sentido ao território, modifica o seu conteúdo, estabelece nele diferentes formas” (p.144). Por conseguinte, as novas técnicas possibilitam maior rapidez, o tempo se torna mais rápido. O resultado do processo de (re)significação do território pela globalização, conforme assinala Carlos (1996), é que tudo o que existe entra em contato com o mundo - os pontos antes isolados se conectam ao planeta.

Sendo assim, a inserção de Heitorai na dinâmica territorial em uma escala mais ampla decorreu, principalmente, das demandas políticas e econômicas do território goiano. Essa inserção guarda uma relação cada vez maior com a lógica do mercado e do consumo. Veremos, portanto, a posição e a função que Heitorai exerce no sistema urbano do qual participa.

A posição de Heitorai

A *posição* constitui um importante elemento da estrutura territorial de Heitorai. Correlacionada com a *função*, termina por caracterizar a sua configuração espacial.

Segundo Corrêa (1994), posição refere-se à localização da forma espacial comparativamente às outras formas: na foz de um rio, no contato entre regiões densamente povoadas e regiões não povoadas etc. Aqui, acrescentamos fatores como processo de formação e montagem da estrutura fundiária (discutidos no segundo capítulo), localização (relativo a outras cidades) e acesso/fluxo (estradas), os quais ajudam a explicar a posição de Heitorai.

O principal acesso de Heitorai a outras cidades é por meio da GO 156 (rodovia pavimentada), que interliga o município a Itaberaí (36 km) e a Itapuranga (26 km). A configuração do sistema urbano de um território como o goiano segue uma determinada lógica. Na contemporaneidade, o mercado tem sido fator determinante nessa configuração. E ainda, relevante nesse processo, é a for-

mação espacial de cada localidade. De forma sintética, podemos citar um exemplo. Muitas cidades que surgiram no século XVIII em função da atividade aurífera, constituíram-se como importantes pontos de rotas comerciais naquele período. Na ocasião, a riqueza encontrada no solo ou no leito dos rios e mananciais, constituía-se como germe de povoamento e de dinamização da economia. Hoje, a conformação de um sistema de relações entre cidades envolve um conjunto mais complexo de elementos. A posição e a logística, por exemplo, ganham novos contornos e articulam novas “rotas” do capital. O sistema de trocas, a oferta de serviços e a confluência de redes viárias passam a constituir elementos estruturadores dos pontos estratégicos da economia regional.

Itaberaí, por exemplo, é um município que, por meio da GO 070, está situado entre a Região Metropolitana de Goiânia e a porção noroeste do estado - denominada por Barreira (1997) de Região da Estrada do Boi. Também se destaca pela produção de arroz, milho e frango. Em termos econômicos, esse município influencia inclusive a Cidade de Goiás, que outrora foi a principal centralidade econômica do estado. Constituiu-se em Itaberaí uma estrutura de serviços e oferta de produtos que atende não apenas a população do próprio município, mas também aos municípios vizinhos, como Heitorai, cujos habitantes utilizam essa infra-estrutura e ampliam a demanda e o consumo. É o que Christaller chama de localidade central. Essa teoria, embora necessite de contextualização em alguns aspectos, contribui para nossa análise.

Ao norte de Heitorai, Itapuranga também se configura como cidade que centraliza alguns serviços e produtos utilizados por moradores de municípios vizinhos. O processo de montagem de sua infra-estrutura teve início em meados do século passado. A distância de Itaberaí (62 km), o difícil acesso a outras localidades (até a década de 1980, a GO-156 não era pavimentada) e a estrutura fundiária do município, marcada pela predominância de pequenas propriedades (Itapuranga possui 1.681 delas), contribuíram para a formação de sua centralidade

em relação aos municípios e povoados circunvizinhos. A população de Heitorai, Guaraita, Morro Agudo de Goiás, São Patrício, entre outros municípios, e de povoados como Diolândia, Cibeli, Caiçara e lajes constitui parte do mercado consumidor de serviços e produtos encontrados em Itapuranga.

Portanto, vê-se que Heitorai encontra-se entre duas cidades que exercem centralidade sobre áreas que ultrapassam os limites de seus respectivos municípios. Pela proximidade, a relação de Heitorai é mais frequente com Itapuranga. Os residentes rurais da porção sudoeste do município apresentam maior vínculo com Itaberaí. Como a rodovia que liga Heitorai a Itaguaru não é pavimentada, a relação com essa cidade restringe-se aos residentes rurais do extremos leste do município.

Assim, os principais pontos de conexão de Heitorai com outros municípios situam-se nas direções norte (com Itapuranga) e sul (com Itaberaí). As áreas polarizadas pelas respectivas cidades estão ilustradas na figura 19. Note-se que, em decorrência de sua posição, Heitorai está sob a influência das duas cidades mencionadas e, portanto, sua própria influência se restringe ao entorno imediato. Vejamos, então, sua função.

A função de Heitorai

No período atual, a inserção de uma cidade num sistema urbano ocorre principalmente a partir de uma lógica que, embora externa, se realiza internamente. Externa no sentido das novas lógicas espaciais que orientam a organização do território. A partir do que apregoam Santos e Silveira (2002), podemos afirmar que os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo (incluindo as legislações civil, fiscal e financeira), e o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do espaço de Heitorai.

Vimos que a posição que essa cidade ocupa no sistema urbano regional, ou nos termos de Barreira, sua geografia regional, é determinante para a montagem de sua infra-estrutura, baseada na oferta de serviços e produtos básicos e rotineiros. A cons-

tuição dessa oferta ocorreu e ocorre concomitantemente às necessidades dos habitantes. Assim, uma das funções que Heitorai cumpre é suprir as necessidades básicas de sua população, como alimentação, limpeza, saúde, educação, segurança etc.

Porém, determinados serviços que não são rotineiros ou exigem maior especialização, não são encontrados em Heitorai. Esses serviços encontram condições mais favoráveis em cidades como Itapuranga, onde o conjunto de habitantes do próprio município e daqueles de seu entorno, amplia a demanda e dinamiza o consumo.

Há, portanto, uma mobilidade de residentes das cidades vizinhas para Itapuranga diariamente. Entre os elementos que indicam a centralidade de Itapuranga em relação à Heitorai, podemos mencionar os “Itapurangas Urgentes”, veículos que transportam diariamente consumidores de Heitorai para aquela cidade. Há também um ônibus que, nos dias letivos, transporta estudantes.

Entre os principais serviços e produtos procurados em Itapuranga por residentes de Heitorai, destacam-se clínicas, laboratórios, bancos (Caixa, Banco do Brasil, Itaú e Bradesco), produtos agropecuários e veterinários, lojas de artigos esportivos, auto-peças, supermercados, serviços advocatícios, cursos pré-vestibulares, de línguas, de graduação etc.

Convém mencionar que, em decorrência de atividades como a agropecuária, há demandas que levam produtores de Heitorai a recorrer a cidades mais distantes, como Goiânia. Esse fenômeno, obviamente, amplia o sistema de trocas e desloca recursos de Heitorai para outros municípios.

A figura 20 (página 21) apresenta uma demonstração da dinâmica de procura e satisfação das necessidades de bens, serviços e produtos pelos habitantes de Heitorai. O mapa foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada no município. Levou-se em consideração três tipos de necessidades:

- De primeira necessidade (básicos)

Produtos: para agricultura, alimentos (arroz, feijão, carne, verduras, café, óleo, açúcar, sal, macarrão, etc.), ferragens, filmes fotográficos, para limpeza, remédios, para construção, vestuário, agropecuários, etc.

Serviços: beneficiadora de arroz, suporte ao agricultor, salão de beleza, oficinas (bicicleta, inclusive mecânica geral de automóveis), públicos - educação (ensino fundamental e médio), cartório, saúde (postos de saúde, hospital), água tratada, energia, etc.

- De segunda necessidade (produtos diversificados e serviços qualificados)

Produtos: eletro-eletrônicos em geral, vestuário, livraria, móveis, veículos, gráficas, peças para automóveis, agropecuários, etc.

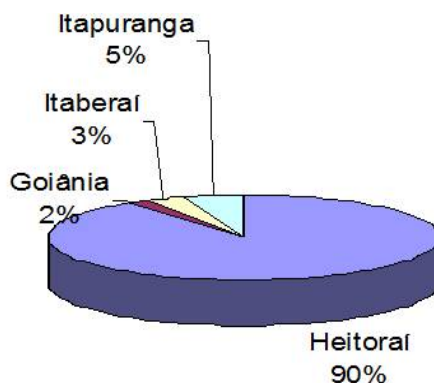
Serviços: financeiros (bancos, crediário), assistência técnica (computadores, eletrodomésticos e mecânicos), serviços de torno, educação particular, curso de pos-graduação, clínicas especializadas (estética, ortopédicos, etc), hospedagem (hotel, motel), diversão (pesque-e-pague, pousadas), etc.

- De alta tecnologia / informatizados

Máquinas e implementos agrícolas, computadores, cinema, centro de convenções, agências de turismo, centro de distribuição, hospitais especializados, shopping centers, universidades (públicas e particulares), emissoras de tv e rádio, jornais impressos de circulação regional, etc.

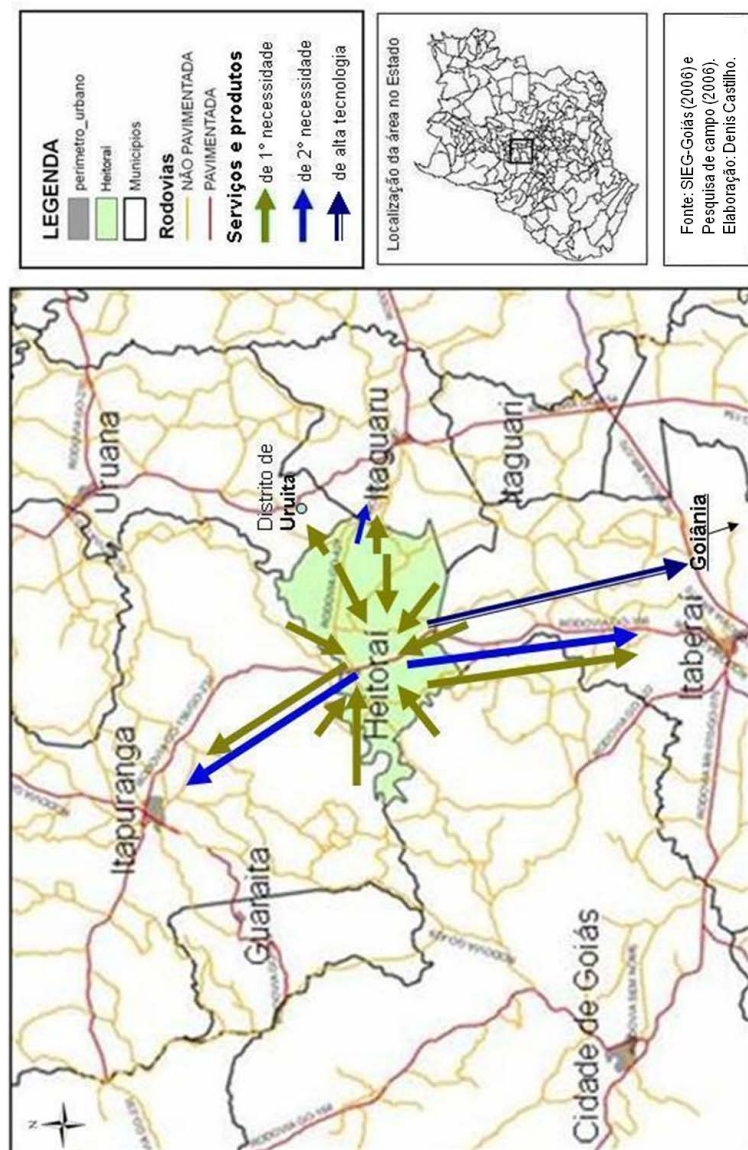
O resultado da pesquisa aponta que, dos entrevistados, 90% satisfazem as necessidades de serviços e produtos de primeira necessidade (básicos) em Heitorai, 5% em Itapuranga, 3% em Itaberali e 2% em Goiânia.

Gráfico 2 – Cidade procurada para compra de produtos de primeira necessidade pelos residentes de Heitorai



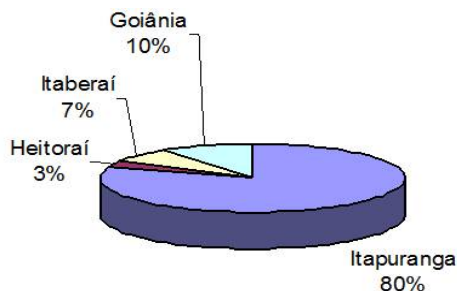
Fonte: Pesquisa de Campo (2006).
Elaboração: Denis Castilho.

Figura 20 – Dinâmica de procura e satisfação de serviços e produtos pelos residentes de Heitorai (2006)



Os serviços e produtos de segunda necessidade (produtos diversificados e serviços qualificados) são consumidos principalmente em Itapuranga (80%), seguida de Goiânia (10%), Itaberaí (7%) e Heitorai (3%). Observe no gráfico 3

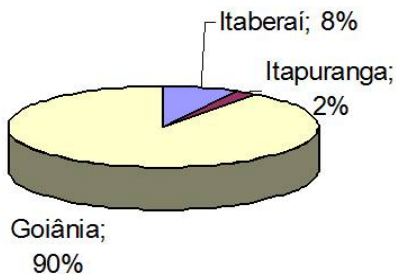
Gráfico3 – Cidade procurada para compra de produtos de segunda necessidade pelos residentes de Heitorai



Fonte: Pesquisa de Campo (2006).
Elaboração: Denis Castilho.

Os produtos e serviços de alta tecnologia (informatizados) apresentam baixa procura, até porque exigem maior poder aquisitivo. Dos entrevistados, apenas 40% afirmaram que consumir, ainda que esporadicamente, alguns desses serviços e produtos. Desse grupo, uma grande maioria (90%) satisfazem essas necessidades em Goiânia, procurada sobretudo para atividades de diversão/passeio (shopping centers, cinemas e shows), serviços de saúde (hospitais especializados), implementos e máquinas agrícolas etc. Os 10% restantes dividem-se entre Itaberaí (8%) e Itapuranga (2%).

Gráfico 4 – Cidade procurada para compra de produtos de alta tecnologia pelos residentes de Heitorai



Fonte: Pesquisa de Campo (2006).
Elaboração: Denis Castilho.

Esses dados indicam a função que Heitorai cumpre para seus habitantes. E isso, como já afirmamos, está diretamente relacionada à sua posição. Mas, além de cumprir essa função, que é essencialmente local, Heitorai exerce um tipo específico de influência que extrapola seu entorno imediato e alcança municípios mais distantes. É o caso, por exemplo, da produção agropecuária, que abastece mercados de outras cidades, e da dinâmica demográfica, aspectos que serão analisados mais adiante. A despeito disso, a posição e função de Heitorai indicam que sua dinâmica socioespacial é, essencialmente, local.

Portanto, se, na leitura da paisagem, afirmamos que Heitorai é uma cidade pequena (tamanho), a análise de sua posição e de sua função nos permite concluir que ela é uma cidade local (dinâmica socioespacial).

Heitorai: uma cidade local

Nossa proposta não consiste em uma discussão terminológica. Todavia, o termo "cidade local", proposto por Santos (1979), mostra-se mais adequado ao delineamento deste estudo por incorporar fundamentos da dinâmica socioespacial. Importante, nessa altura da discussão, destacar que, além do tamanho e da quantidade de habitantes, há um conjunto de elementos que explicam uma cidade e que não se restringem necessariamente ao seu tamanho ou à sua posição na rede urbana. Convém ressaltar que nem todas as cidades pequenas são locais, assim como pode haver cidades com significativo contingente populacional e funcionalidade essencialmente local. Há, ainda, cidades pequenas que possuem conteúdos específicos que estrapalam as escalas local e regional. É o caso de Chapadão do Céu, em Goiás. Por meio de sua produção agrícola, alguns produtores mantêm vínculos com portos e bolsas de valores sediadas em outros países.

Outro exemplo pertinente à nossa discussão, é a variação da centralidade de uma cidade conforme a sua localização. Uma cidade com 40 mil habitantes pode ser considerada pequena em regiões com alta densidade demográfica. Por outro lado, em regi-

ões de baixa densidade demográfica, uma cidade com mesmo contingente populacional pode não ser considerada pequena. Por isso, concordando com Deus (2002b), padronizar uma classificação para um país de grande extensão territorial como o Brasil implica correr o risco de generalizações e de equívocos diante das particularidades regionais.

Recentemente, os estudos sobre as cidades de menor porte têm avançado. Além das contribuições de Milton Santos, trabalhos como os de W. Santos (1989), Correia (1994 e 1999), Oliveira e Soares (2002), Soares et. all. (2006), entre outros, têm ampliado a compreensão das cidades locais no contexto da globalização. Em Goiás, uma importante contribuição ao estudo da cidade e sua relação com a região é o de Barreira (2002) que analisa a região do Vão do Paraná. Em outro estudo, com foco na microrregião de Catalão, Deus (2002b) demonstra os papéis desempenhados pelas pequenas cidades nessa região. Esses e outros estudos evidenciam a crescente atenção dedicada à temática.

Para Santos (1979) “poderíamos definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (p. 71). Posteriormente, acrescenta que a definição que corresponde ao espírito de seu estudo, “tem por fundamento um critério funcional: a cidade local é um organismo urbano que atende às necessidades primárias e imediatas das populações locais” (Santos, 1982, p. 104).

Como mostramos anteriormente, a dinâmica socioespacial de Heitorai é eminentemente local, o que a caracteriza como uma cidade local. Trata-se de um fenômeno urbano que deve ser compreendido a partir de suas relações internas e externas, ambas contextualizadas no presente.

Heitorai na lógica contemporânea

Como a cidade local se configura diante da lógica territorial contemporânea? Como Heitorai se comporta diante da globalização?

De acordo com Santos e Silveira (2002), no início desse século

(XXI), “aumenta o número de cidades locais e sua força, assim como o dos centros regionais” (p. 203). E que o efeito do tamanho tem influência na divisão interurbana e também na divisão intra-urbana do trabalho. A tendência é que os centros regionais desenvolvam uma infra-estrutura diversificada e dinâmica, aumentando, assim, as relações com as cidades polarizadas.

W. Santos (1989) explica que a circulação e o transporte moderno levam a produção primária diretamente aos grandes centros. Assim, aquelas cidades que não satisfazem as exigências de produção, tendem à estagnação, enquanto outras se esvaziam em favor dos centros mais dinâmicos. Correia (1999) aponta que, no período atual de globalização, ocorre a refuncionalização das pequenas cidades. Essa abordagem auxilia pensar as cidades locais a partir da reestruturação urbana pela globalização, em que o tempo da produção rápida e as lógicas externas se tornam hegemônicas e influenciam sobremaneira o território desses municípios. No campo, em algumas áreas, muda-se a forma de produção; na cidade, as relações de troca permeiam o cotidiano dos habitantes. Mas, aqui, os traços da modernização convivem com uma tradição rural que não se deteriorou. Por isso, a dinâmica socioespacial de um município como Heitorai, se encontra entrelaçada entre o moderno que chega e a tradição que resiste e ainda se mostra expressiva.

Esse comportamento diante das lógicas externas, além de ser explicado pela posição e função, decorre também das condições de reprodução do capital encontrados em Heitorai, que responde a elas constituindo sua essencialidade sobretudo na escala local. A agropecuária, principal atividade desse município, embora tenha sua produção voltada para outros mercados - além de algumas produções destinadas à subsistência que ainda persistem, apresenta baixos índices de produção, o que resulta em pequena participação de Heitorai na produção do estado e se justifica pelo padrão local do município. Soma-se a isso o comércio de pequena dimensão, que também caracteriza a dinâmica territorial do município.

Dinâmicas territoriais no campo e cidade

As principais atividades desenvolvidas nas 245 propriedades rurais de Heitorai (178 pequenas, 50 médias e 17 grandes) estão relacionadas à agropecuária. Observe os dados da agricultura na tabela:

Tabela 2 – Heitorai: produção agrícola (2005)

Produtos	Área plantada (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)
Arroz	400	400	1.120
Banana	2.420*	2.420*	29.645*
Cana-de-açúcar	50	50	4.000
Feijão	155	155	264
Mandioca	20	20	320
Melancia	80	80	2.000
Milho	1.500	1.500	5.700
Soja	40	40	120

Fonte: SEPLAN / IBGE (2006).

* AGENCIARURAL e Prefeitura Municipal de Heitorai (2006).

Elaboração: Denis Castilho.

Essa produção agrícola provém de lavouras permanentes e temporárias. A mandioca, o arroz, o milho e, recentemente, a banana (atualmente principal atividade agrícola do município), aparecem na maioria das propriedades, principalmente nas pequenas. Nestas, destaca-se também a produção de maracujá, destinada ao CEASA-GO. A entrada em atividade de uma destilaria em Itapuranga tem demandado a expansão da cana-de-açúcar na região, alcançando o município de Heitorai. Como consequência, muitas lavouras de arroz e milho, além de áreas de pastagens, vêm sendo substituídas pela cana. Os dados da tabela 2, portanto, tendem a sofrer alterações significativas, evidenciando, entre outros aspectos, a participação do município na dinâmica econômica regional.

Alguns pequenos agricultores destinam parte de sua produção à feira de produtos do campo, realizada na cidade. Outros produtos são direcionados a cidades próximas, como Itapuranga e Itaberaí, e também a Goiânia, Anápolis e outros estados.

Para São Paulo, Heitorai destina principalmente banana. Atualmente (2005), com uma produção de 29.645 toneladas, o município se constitui como um dos grandes produtores de banana de Goiás.

Fotografias: Castilho (2006).



Figura 21: Produção de leite, criação de gado em pastagem e plantação de banana. Município de Heitorai (2006)

A criação de bovinos – tanto para produção de leite quanto de carne – é a principal atividade em praticamente todas as propriedades (tabela 3). Em algumas, utiliza-se o sistema de confinamento, mas a maioria mantém as criações em pastagens (figura 21), que ocupam 15.071 ha do município. A quantidade de aves em granjas tem aumentado nos últimos anos, o que se explica pela proximidade com o matadouro da Super Frango de Itaberaí. O restante do rebanho avícola provém de criações “caseiras”, realizadas nas próprias fazendas, como a de galinhas “caipiras”.

Tabela 3 – Heitorai: efetivo da pecuária (2004)

Aves (cab) - granja	17.900
Aves (cab) - caseiras	10.400
Bovinos (cab)	23.890
Suínos (cab)	1.312
Equínos (cab)	640
Caprínos (cab)	20
Muare (cab)	45
Ovinos (cab)	342
Prod. de leite (l)	2.778
Prod. de ovos (1.000 dz)	36
Vacas ordenhadas (cab)	2.550
Mel de abelhas (kg)	6.440

Fonte: SEPLAN / IBGE / AGENCIARURAL (2006).

Elaboração: Denis Castilho.

As granjas e algumas lavouras que utilizam técnicas modernas, a criação de gado bovino em confinamento, a produção de leite por ordenha mecânica etc, representam novos modelos de produção em Heitorai. Isso indica a inserção de determinadas propriedades no mercado agropecuário goiano. Ao mesmo tempo, persistem formas tradicionais de produção, como a criação de galinhas no próprio quintal, as pequenas lavouras onde se utiliza a enxada, a criação de gado misto e a produção de leite por ordenha manual.

É nesse campo, onde convivem o moderno e o tradicional, que 40,7% da população de Heitorai reside e de onde provém uma significativa parcela da movimentação econômica do município.

Mas, como Heitorai não exerce uma centralidade regional, grande parte de sua produção agropecuária, para ser consumida (inclusive por seus próprios habitantes) precisa passar por centros de distribuição, como o CEASA-GO. Isso coloca o município em posição inferior no sistema de produção e consumo, desprivilegiando seus próprios consumidores. Por exemplo, em trabalho de campo realizado em setembro de 2006, constatamos que o maracujá produzido no solo heitoraiense, para chegar às frutarias da cidade, passa antes pelo centro de distribuição. Assim, o produto chega a Heitorai, onde foi produzido, a um preço mais elevado do que nos mercados da cidade distribuidora.

Portanto, mesmo mantendo “intimidades” com o campo, Heitorai ainda enfrenta desafios relacionados à tecnificação da produção. Ao mesmo tempo, nota-se que a lógica do mercado distribuidor acaba marginalizando seus próprios consumidores.

Como vimos nos tópicos anteriores, devido à posição, a função de Heitorai restringe-se a cumprir o papel de suprir as necessidades rotineiras de sua própria população, que é pequena (3.711 habitantes). Por isso, a infra-estrutura comercial da cidade é simples. São 64 estabelecimentos comerciais, entre supermercados, padaria, açougues, farmácia, frutaria, salões de beleza, bares, lanchonetes, pit-dogs⁴, lojas de roupas e calçados, posto de combustível, autopeça, mecânica,

⁴ Pequeno estabelecimento, geralmente com estrutura metálica, que funciona principalmente no período noturno onde se vende lanches diversos, x-salada (fest food), sucos, etc.

oficinas de bicicleta, sorveteria, depósitos de bebidas, materiais básicos para construção, sistema de financiamento popular, postos bancários etc. Há também confecções, beneficiadoras de arroz, marcenaria, entre outros estabelecimentos.

Assim, em decorrência desse sistema econômico simples, há pouca movimentação na cidade, explicada pela reduzida circulação de capital. Esses elementos da cidade e aqueles do campo somam-se à função do Estado que, por meio de receitas e de repasses, constitui importante meio de manutenção de parcela significativa da população em Heitorai.

Além de ter dirigido o processo de emancipação de Heitorai, o Estado cumpre funções fundamentais na instalação de infra-estruturas e instituições necessárias ao município, garantindo uma gama considerável de empregados assalariados nos setores administrativo, educacional, de saúde e segurança. Soma-se a isso a transferência de renda por meio de programas sociais e aposentadorias. Portanto, o Estado é essencial para cidades pequenas como Heitorai, tanto pela geração de renda e emprego quanto pela garantia de serviços básicos, incluindo instituições financeiras, correios etc.

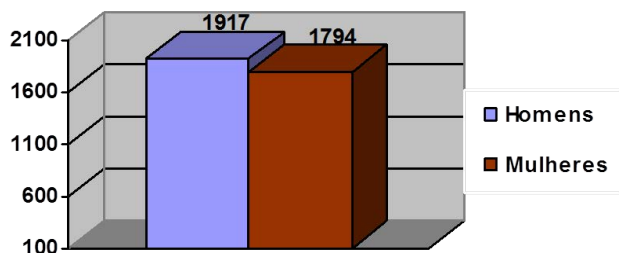
O trabalho e a dinâmica demográfica

É, portanto, no campo, no comércio e na indústria (principalmente confecções), além das instituições estaduais e municipais, que a mão-de-obra heitoraiense é absorvida. Porém, essa absorção é limitada, o que influencia diretamente a dinâmica demográfica do município.

A pouca diversificação dos setores de trabalho e a concentração de parcela considerável da mão-de-obra no campo contribuem para que a população masculina de Heitorai seja superior à feminina, como mostram o Gráfico 5 e a pirâmide etária do município, apresentada na página seguinte. De acordo com Deus (2003), nas cidades menores, onde a atividade econômica é predominantemente agropecuária, a

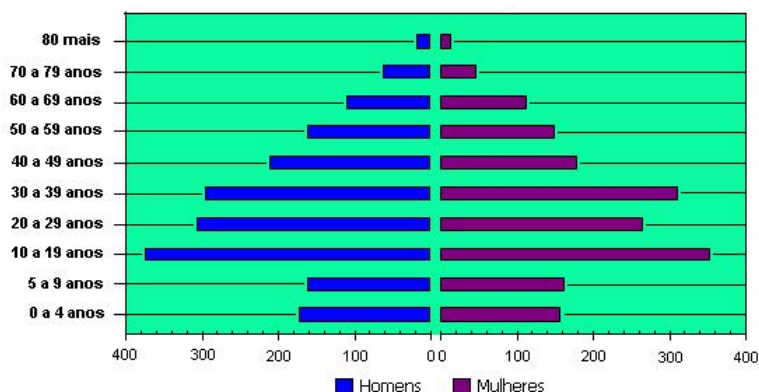
cidade exerce a função de base para essas atividades, o que se reflete no predomínio da população masculina sobre a feminina.

Gráfico 5 - Heitoráí – população por sexo (2005)



Fonte: SEPLAN / IBGE (2006).

HEITORAÍ-GO - Pirâmide etária da população (2000)



Fonte: IBGE (2000).

Elaboração: Denis Castilho.

Observe na pirâmide etária que a quantidade de mulheres entre 10 e 29 anos é inferior à de homens na mesma faixa etária. Esses dados sugerem que a menor absorção da mão-de-obra feminina pode contribuir para essa diferença, uma vez que sua inserção ocorre com maior frequência no setor de serviços, pouco diversificado em Heitoráí quando comparado ao de cidades regionais. É importante frisar que, nos tempos atuais, as mulheres têm assumido cada vez mais as despesas familiares, o que também guarda relação com um novo perfil de autonomia e de necessidade.

A pouca diversificação da oferta de emprego faz com que nas cidades pequenas a eminência de desemprego seja maior entre as mulheres, que, conseqüentemente, migram mais que os homens. Decorre disso que, em cidades como Heitorai, Guaraíta, Itaguarú etc, a população masculina tende ser maior. Já em cidades mais centrais (Goiânia, Anápolis, Ceres) ocorre o inverso em razão da maior diversidade do setor de serviços, onde as mulheres encontram melhores oportunidades de trabalho. Veja na tabela 4:

Tabela 4 - População estimada por sexo, segundo os respectivos municípios (2005)

Municípios	Total	Masculino	Feminino
ESTADO DE GOIÁS	5.619.917	2.798.173	2.821.744
Heitorai	3.711	1.917	1.794
Guaraíta	2.835	1.470	1.365
Itaberaí	29.775	15.084	14.691
Itaguaru	5.224	2.671	2.553
Itapuranga	25.646	12.840	12.806
Uruana	14.051	7.050	7.001
Goiás	26.705	13.455	13.250
Ceres	19.026	9.490	9.536
Goiânia	1.201.006	572.539	628.467
Anápolis	313.412	152.828	160.584

Fonte: IBGE / SEPLAN-GO (2007).

Elaboração: Denis Castilho.

Convém ressaltar que, no campo, devido a força da tradição ainda muito expressiva, persistem as figuras do camponês (aquele que vive do trabalho das lavouras, que planta, que roça pastos), do lavourista e do pequeno agricultor. Essas categorias têm peso importante entre os trabalhadores de Heitorai. Acrescenta-se a elas as empregadas domésticas, as costureiras, os servidores públicos que ganham salário mínimo, os empregados do comércio, entre outros. São trabalhadores que, em sua maioria, mantêm uma vida marcada pela rotina e pelas relações locais.

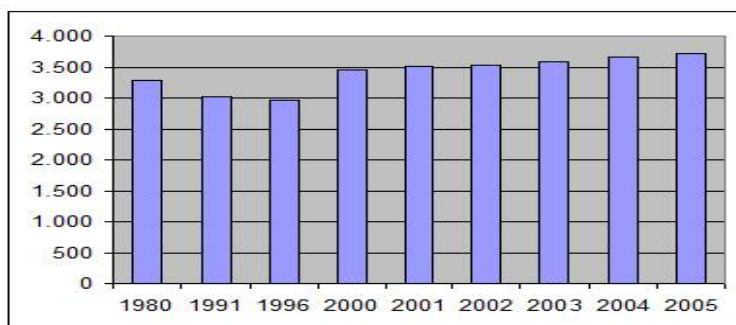
Convém mencionar que, apesar da baixa renda, a população de baixa de Heitorai não vive, em geral, em condições de extrema miséria, como ocorre em parcelas significativas das metrópoles brasileiras. Em contrapartida, a mobilidade social e as oportunidades são mais limitadas, ao passo que, nas metrópoles, embora também marcadas por desigualdades, a maior diversidade econômica amplia as possibilidades de inserção e mobilidade para determinados grupos.

Parte dos servidores públicos, empresários e alguns pro-

dutores rurais constituem a classe intermediária. Praticamente não há, em Heitorai, uma classe detentora de renda elevada. Considerando, porém, a realidade local, podemos mencionar os fazendeiros (grandes proprietários de terras), historicamente ligados ao comando da política local, e alguns comerciantes. Essa estrutura de classes mantém os últimos (a classe "dominante" local) no poder. São eles que utilizam o território heitoraiense como “reduto” de suas políticas, evidenciando uma estrutura patrimonialista, que faz da cidade, conforme Campos (1994), um espaço de dominação e de clientelismo. Com a incorporação de equipamentos e novos conteúdos tecnológicos, surgem também trabalhadores especializados, como veterinários, contadores, agrônomos, bancários etc, indicando que Heitorai, além de "cidade dos notáveis (delegado, padre, curandeiro, fazendeiro, etc), passa a ser também uma “cidade econômica”, para usar outro termo de Santos (1993).

Mesmo distribuindo-se entre o campo, o pequeno comércio, os serviços domésticos e os serviços públicos, a estrutura econômica de Heitorai não absorve toda a mão-de-obra do município. Em consequência, a cidade dificilmente cresce em termos populacionais, pois seus habitantes, sobretudo os jovens, migram em busca de emprego e estudo para Goiânia, outras cidades e até mesmo para o exterior. Em trabalho de campo realizado em setembro de 2006, constatamos que 87% dos entrevistados têm algum familiar que migrou para outra cidade em busca de emprego ou estudo. Como mostra o Gráfico 6, a população mantém-se relativamente estagnada desde 1980.

Gráfico 6 – Heitorai: população total (1980 - 2005)



Fonte: IBGE / SEPLAN-GO (2007).

De 1980 até o presente, vê-se que a população total do município pouco alterou. Como sua estrutura econômica absorve uma quantidade limitada de trabalhadores, parte daqueles não absorvidos, migram. Heitorai, portanto, constitui-se como reserva de mão-de-obra em um contexto de rede urbana mais amplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: algumas particularidades do espaço e do sujeito heitoraiense

Neste livro, procuramos explicar os elementos primordiais que caracterizam a dinâmica socioespacial de Heitorai, que é eminentemente uma cidade local. Essa dinâmica é constantemente refuncionalizada pela globalização, que impõe lógicas de fora. Ao mesmo tempo, lógicas locais se imbricam aos elementos da modernização, constituindo uma particularidade em Heitorai.

Alguns costumes que resistem ao tempo, como a criação de galinhas nos quintais, as folias etc, são mantidos e vivenciados pelas pessoas em sua relação afetiva com o lugar. É o que Chaveiro (2005) chama de espaço profundo, o qual (re)existe no sujeito. Este, que, em Heitorai tem um peso importante das tradições religiosas⁵.

Ainda existem trocas humanas. "Todos conhecem todos". É o que Santos (1993) chama de cidade dos notáveis: padre, médico, professores, prefeito, pastor, senhor “fulano”, etc. Mas essa proximidade também facilita o controle social. Além disso, ao mesmo tempo em que aproxima as pessoas por meio de relações pessoais e afetivas, o celular e a internet as lançam para outro tipo de relação, mais distante, abstrata e impessoal.

Podemos dizer que em Heitorai há a “força da natureza”. Há o valor simbólico dos rios e córregos; dos grandes quintais; da criação de galinha, de porco etc, que significam a relação com o campo. Ainda há, no sistema de comércio, a “caderneta” ou fichas que demonstram a proximidade entre comprador e vendedor.

⁵ Essas tradições influenciam valores, crenças e modos de ser. A tragédia e as mortes têm uma repercussão muito peculiar na cidade, o que se explica, também, pela proximidade entre as pessoas.

Grande parte da população tem acesso à televisão, enquanto uma parcela dos jovens utiliza a internet. Nesse sentido, as informações midiáticas chegam facilmente a Heitorai, conduzindo símbolos e valores próprios da economia globalizada. Com isso, a cultura de massa vai se impondo à cultura tradicional, o que pode ser notado nas próprias festas, onde as danças e manifestações folclóricas vão dando lugar aos ritmos eletrônicos e ao som automotivo, como mostra a figura 22.

Fotografias: Castilho (2006).



Figura 22 - Quadrilha e tenda dançante durante a festa junina de Heitorai (2006)

No cotidiano, as telenovelas e os programas de televisão influenciam modos de ser, de vestir e de agir. Ocorre que a cultura de massa que chega a Heitorai é incorporada por sujeitos que vivem uma realidade distinta daquela mostrada, por exemplo, nas tramas das novelas. Aqueles que se apegam à cultura *de fora*, podem desenvolver certa insatisfação com o próprio lugar, enquanto os que se agarram aos valores tradicionais têm suas identidades tensionadas, à medida que as tradições deixam de ser hegemônicas.

No trabalho de campo realizado em setembro de 2006, grande parte dos entrevistados com mais de 40 anos afirmou estar satisfeita em Heitorai, destacando a tranquilidade, o sossego e as amizades, apesar da falta de empregos. Entre os jovens, porém, predomina uma insatisfação com a cidade, principalmente pela ausência de casas de dança, oportunidades de emprego, festas, lojas de materiais esportivos, curso superiores etc. Portanto, se o

espaço desejado não é o vivido, a insatisfação torna-se mais um elemento, além daqueles mencionados anteriormente, a motivar os habitantes a migrarem.

O cotidiano, em horários diurnos, é marcado por um ritmo lento, comumente denominado de vida interiorana, decorrente da pouca circulação de capital. À noite, em dias comuns, sem festas tradicionais, as opções se resumem a assistir novela, ir à igreja, à praça ou à escola, visitar alguém ao frequentar o barzinho e o pit-dog. Ou seja, nota-se que esse cotidiano pode gerar insatisfação entre aqueles, geralmente mais jovens, que se encontram mais vinculados às informações midiáticas, à internet, etc.

O fato é que as grandes promessas do “mundo moderno”, diante das atuais condições infra-estruturais do município, encontram impeditivos para se edificarem em Heitorai. Isso se justifica pelo próprio perfil da cidade, eminentemente local. Em todos os casos, fica evidente que parcela dos habitantes, principalmente os jovens, não encontrará oportunidades para continuar residindo no município. Nas condições atuais, figurando como reserva de mão-de-obra e sem promover, por exemplo, a articulação dos produtores em sistemas de cooperativismo ou associativismo capazes de agregar valor à produção rural, Heitorai tende a manter sua condição de limitada capacidade de retenção populacional e sua insígnia de sedentarização demográfica

E aqui reside uma contradição. Há uma lógica que chega a Heitorai (proveniente da modernização incompleta), que seduz e ilude os sujeitos sociais, mas, ao mesmo tempo, os deixa órfãos. A migração, nesse sentido, é uma alternativa que “desenraiza” muitos de seus habitantes, cindindo-os porque, apesar dos vínculos com o município e a região, não encontram condições para permanecer no lugar onde se criaram.

Essas peculiaridades, proveniente em grande parte da força da tradição e da configuração de Heitorai enquanto cidade local, foram levantadas para mostrar que, diferentemente das metrópoles, alguns traços ainda persistem em Heitorai, evidenciando os contrastes entre esta e aquelas.

Fica evidente que o encontro de tempos, o pouco dinamismo econômico, o impacto cultural da lógica moderna sobre os sujeitos, o papel da posição e da função, a subordinação da economia às políticas compensatórias do Estado, o desenraizamento e a mobilidade dos trabalhadores compõem o painel socioespacial de Heitorai.

Ao analisar sua dinâmica socioespacial, percebemos que ela é marcada por um conjunto de contradições e problemas que não são de hoje, mas que, em decorrência da modernização “incompleta”, ganharam novas dimensões. A construção de propostas para enfrentá-los não é tarefa fácil e nem imediata, pois depende de conflitos com a estrutura mais geral da sociedade contemporânea e com seu processo de territorialização.

É importante, contudo, ultrapassar a idéia banalizada de que as cidades pequenas são inocentes. Heitorai preserva traços da tradição que lembram a antiga vida no campo, mas, mesmo diante das contradições mencionadas anteriormente, está inserida em um tempo distinto de outrora, regido por diferentes escalas e pela lógica contemporânea.

REFEFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002.

AMORIM FILHO, O. B. ; SENA FILHO, N. *A Morfologia das Cidades Médias*. Goiânia: Vieira, 2005.

ARRAIS, T. P. A. *Geografia Contemporânea de Goiás*. Goiânia: Vieira, 2004.

BARREIRA, C. C. M. A. *Região da estrada do boi: usos e abusos da natureza*. Goiânia: UFG, 1997.

_____. *Vão do Paraná: a estrutura de uma região*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.

BRASIL. *Censo demográfico 2000*. Brasília: IBGE, 2001.

CAMPOS, F. I. Cidade, espaço de dominação. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v.14, n.1, p. 61-75. 1994.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTILHO, Denis. A dimensão espacial do turismo e a captura da paisagem. In.: *III Colóqui de Turismo – o território do turismo no Estado de Goiás*. Goiânia: IESA/UFG, 2005.

_____. Trabalhando com Imagens da Paisagem no Ensino de Geografia. In: *Anais do I Encontro Nacional dos Grupos Pet Geografia*. Uberlândia: PET-GEO/UFU, 2006.

_____. ; Chaveiro, E. F. A Cidade Local no Território Goiano. In: Cavalcanti, L. de S. et all. *Temas da Geografia*. Goiânia: Pet-Geo IESA/UFG, ed. Vieira, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. Uma Geografia da Cidade – elementos da produção do espaço Urbano. In:_(org.). *Geografia da Cidade:a produção do espaço urbano de Goiânia*. Goiânia: Alternativa, 2001.

CHAVEIRO, E. F. *Goiânia, uma Metrópole em Travessias*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001. (Tese, doutorado em Geografia).

_____. Traços e matrizes para a compreensão de um Goiás profundo. In:_(org.). *A Captura do Território Goiano e a sua Múltipla dimensão Socioespacial*. Catalão: Modelo, 2005. p. 168-188.

_____. A urbanização do sertão goiano e a criação de Goiânia. In: GOMES, H. (Org.). *O Espaço Goiano: Abordagens Geográficas*. Goiânia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004.

CORRÊA, R. L. *A rede urbana*.- 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. *Território*, Rio de Janeiro, v.4, n.6, p.41-53, jan./jun. 1999.

DEBORD, G. O Planejamento do Espaço. In:- *A sociedade do Espetáculo*.(tradução: Estela dos Santos Abreu). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.p. 111-119.

DEUS, J. B. de. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002. p. 177-196.

_____. *O Sudeste Goiano e a desconcentração industrial*. Brasília: Ministério da Integração: Universidade Federal de Goiás, 2002b.

ESTEVAN, L. A. Economia Política em Goiás. In: *Estudos*: revista da Universidade Católica de Goiás. Vol. 27, n. 3. Goiânia: UCG, 2000.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FABREGAT, Clemente Herrero. *Educação e Cultura Urbana: novas perspectivas educativas para o estudo da cidade* - palestra proferida no III Seminário Cidade e Educação no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais / UFG. Goiânia, 30 de outubro de 2006.

GOMES, H; TEIXEIRA NETO, A; BARBOSA, A. S. *Geografia: Goiás / Tocantins*. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: UFG, 2005.

- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.
- MACHADO, M. S. Geografia e Epistemologia: Um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. In: *GEO UERJ*. N. 1. (jan. 1997). Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia, 1997.
- MELO, S. C. de. O território na era da globalização. In: *Guanicuns*. Ver. Da FECHA/FEA – Goiás, 02: 141-145, jun. 2005.
- NASCIMENTO dos SANTOS, L. et al. (orgs.). *Uma pequena viagem pela história de Heitorai*. Heitorai: Escola Estadual Olavo Costa Campos, 2006.
- LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. *O Direito à Cidade*. (Trad.: Rubens Eduardo Frias). São Paulo: Centauro, 2001.
- OLIVEIRA, B. S. de; SOARES, B. R. Cidades Locais do Triângulo mineiro e alto Paranaíba/MG: Algumas considerações. In: *Caminhos de Geografia* - revista on line. Ano 3, n. 5, fev. Uberlândia, MG: Programa de pós-graduação em Geografia, 2002.
- PEREIRA, D. A. C; SANTOS, D; CARVALHO, M. B. de. Geografia dos Índios (Cap. 6). In: *Geografia: ciência do espaço*. São Paulo: Atual, 1998. p. 73 – 80.
- RAFFESTIN, C. *Por Uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RIGONATO, V. D. A dimensão sociocultural das paisagens do cerrado goiano: o distrito de vila borba. In: ALMEIDA, M. G. de. *Tantos Cerrados*. Goiânia: Vieira, 2005.
- RODRIGUES, A. B. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- ROMANO, Claudia Márcia Bernardes. *A cidade de Morrinhos: uma abordagem geográfica*. Goiânia: Grafset, 2006.
- SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. *A Urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. (trad.: Antonia Dea Erdens e Maria Auxiliadora da Silva; revis.: José Fernandes Dias). 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo-SP: Hucitec. 1996.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, W. dos. *Cidades locais, contexto regional e urbanização no período técnico-científico. O exemplo da região de Campinas-SP*. Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO. *Anuário Estatístico de Goiás – 2005*. Goiânia: SEPLAN, 2006.

SOARES, B. R et all. Pequenas Cidades do Cerrado Mineiro: reflexões sobre suas diversidades e particularidades socioespaciais. In. SOARES, B. R; OLIVEIRA, H. C. M. de; MARRA, T. B. (orgs.). *Ensaio Geográficos*. Uberlândia: UFU/PET, 2006. p. 45-72.

SOUZA, M. L. de. *ABC do desenvolvimento urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I. E. de. et al. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. – 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TEIXEIRA NETO, A. O Território Goiano: formação e processo de povoamento e urbanização. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002. p.11-46.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFGL, 1983.

VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002.

VILLAÇA, F. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 2001.

SOBRE O AUTOR

Denis Castilho nasceu em Heitorai (GO), em 1985.

Graduou-se em Geografia (bacharelado e licenciatura) na Universidade Federal de Goiás (2006), onde atualmente cursa Mestrado no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (2007). É membro-sócio da Associação dos Geógrafos Brasileiros e integrante dos Núcleos de Estudos e Pesquisas em "Educação Ambiental e Transdisciplinaridade" e "Formação Territorial de Goiás".

Denis Castilho fala do espaço aprendendo o seu próprio fundamento. Ele descobre que uma cidade local, como Heitorai, é um mundo onde a vida pulsa, as contradições sociais se sedimentam e clamam por compreensões e mudanças.

Nesse sentido, o livro nos apresenta a interlocução entre o vivido em Heitorai e o científico do conhecimento geográfico. Nessa interlocução, a leitura perpassa por paisagens urbanas e rurais do mesmo município na busca do hibridismo (rural-urbano) e na procura da compreensão geográfica das pequenas cidades do Estado de Goiás.

ISBN 978-85-60798-00-1



9 788560 798001